

## CAMINHO DE VOLTA

38  
pág

### CENÁRIO

Sala de criação de uma agência de publicidade. Asséptica.  
Linhas retas. Modernidade absoluta.

### PERSONAGENS

**CABECINHA:** Diretor de arte. Mais ou menos trinta e três anos.  
**MARISA:** Ex-secretária. Mais ou menos vinte e cinco anos.  
Agora redatora.  
**NILDO:** Mais ou menos trinta e cinco anos. Redator-chefe.  
**DR. GOMES:** O patrão. Mais ou menos cinquenta anos.  
**NANDINHO QI:** Contato. Cursilista. Mais ou menos cinquenta anos.

Consuelo de Castro



Antonio Fagundes, Oswaldo Campozana e Raquel Araujo, *Caminho de Volta*, Teatro Aliança Francesa, SP, 1974, Dir. Fernando Peixoto.

## 1º ATO

*(Toca "Isto é que é... Coca-Cola". Assim, que a luz acende por inteiro, o jingle baixa de volume até desaparecer. Cabecinha está no laboratório fotográfico, examinando fotos de uma batadeira. Marisa na sala de criação, bate furiosamente à máquina, asobiando qualquer coisa)*

CABECINHA: *(Falando pelo biombo)* Que é que você tanto bate aí? Pedido de demissão?

MARISA: Anúncio. Que mais podia ser...

CABECINHA: *(Olhando as fotos)* Carta de amor por exemplo.

MARISA: Pra quem?

CABECINHA: Evidentemente, pra mim. *(Põe a cara pra fora do biombo)* Olha que gracinha. *(Mostra os cabelos, faz gestos sensuais como se posasse)* Pega, pega pra você ver que macio que eu sou. Pode pegar. Eu deixo. *(E continua batendo o anúncio)* Pô, Marisa. Dá uma colher de chá. Ei, Neil Ferreira... Neil Ferreiraaaa! ÚÚ! Olha só o macho que você tá perdendo. Olha só: olhos castanhos claros, boca bem feita, troncudo. Bom moço. Bom fotógrafo. Bom diretor de arte. Bom de cama. Bom salário. Ei, olha pra mim, um pouquinho só. Eu sou o Picasso do lay-out. Veja bem o que você está perdendo!

MARISA: *(Rindo)* Não é meu tipo.

CABECINHA: *(Voltando as fotos, observando outra vez,*

uma a uma. Até que entre as mil batedeiras, surge uma mulher loira e nua em pose sexy) Pois devia ser. Mau gosto, esse seu. Trocar um cara que nem eu por aquele mau caráter do Nildo... (Dá uma gargalhada, pegando a foto da mulher nua) Imagine quem tá aqui... na minha mão!

MARISA: A batedeira.

CABECINHA: Não, vai adivinhando...

MARISA: Ah, sei lá, me deixa trabalhar. Cabecinha...

CABECINHA: (Saindo do laboratório com pilhas de fotos na mão) Essa aqui, quem é?

MARISA: (Demonstrando tédio) A batedeira...

CABECINHA: (Mostrando outra, em tom de suspense, rindo) E essa?

MARISA: A ba-te-dei-ra!

CABECINHA: E esta aqui?

MARISA: Pô, a batedeira de novo. Cabecinha, quer me fazer o favor de me deixar trabalhar? Se eu não fizer este texto, Cabecinha... (Pausa) NINGUÉM FAZ POR MIM! você sabe como é isto aqui...

CABECINHA: Não vem de vítima. Já dizia minha mãe, a famosa dona Sofia da Aclimação: sua cabeça seu guia. Quem entra na chuva é pra se molhar. A gente dá os pés eles querem as mãos... (Mostra outra foto) Olha, olha essa aqui.

MARISA: (Cheia) É a droga, da porcaria, da filha da mãe, da batedeira elétrica. Que tritura até gelo, a última aquisição para sua cozinha, a senhora não pode deixar de ter em casa, compre, use, PÓOOO! Qual é?

CABECINHA: E esta?

MARISA: (Olhando com raiva para a outra foto) (Quase rasgando) Ué... (Levanta o rosto com um susto grande e rindo muito) Ué... não é a batedeira...

CABECINHA: Tô falando... quem é?

MARISA: Uma loira, linda, nua e pornográfica.

CABECINHA: Gostosa paca, né?

MARISA: Se eu gostasse de mulher...

CABECINHA: Mas olha só a cinturinha dela. Olha esta curvinha. Olha aqui... Humm!

MARISA: De onde você tirou essa aí?

CABECINHA: Adivinha.

MARISA: Não tô com vontade. Fala de uma vez.

CABECINHA: Ela pousou de dona-de-casa pra batedeira.

MARISA: Nossa, parecia tão distinta na fotografia...

CABECINHA: Pra você ver. (Olhando a foto) Suely, a fo-finha do papai.

MARISA: É mesmo tão gostosa assim, é?

CABECINHA: Você nem pode imaginar quanto!

MARISA: Me diz, como é que é ser gostosa?

CABECINHA: Vai contar essa pro Beto, teu irmão.

MARISA: Essa qual?

CABECINHA: Essa de ingênua.

MARISA: Juro por tudo quanto é mais sagrado: eu não sei como é ser gostosa.

CABECINHA: Mas É!

MARISA: Não quero tocar nesse assunto!

CABECINHA: Não se esqueça que eu já te comi. E muito! ÓÓÓ... (Faz gesto que significa números de vezes).

MARISA: (Tapando os ouvidos) Não quero tocar nesse assunto!

CABECINHA: (Ironicamente, como se estivesse raciocinando) Mas deixa ver se eu entendo. Você não quer tocar "nesse assunto" por pudor, ou porque... é uma lembrança... (Exagerando com a boca)... chata? Quer dizer... doeu? (Ela tapa os ouvidos) Foi ruim? Você não gostou? Do gosto... do cheiro ou do...

MARISA: Não quero falar, não quero falar... (Cabecinha ri)

CABECINHA: Tá bom, tá... calma... não precisa ter ataque. Pronto. Olha, sou um túmulo.

MARISA: Faz tempo demais pra gente lembrar.

CABECINHA: Sete anos. Que é que são sete anos numa encarnação?

MARISA: Não me amole com esta coisa de encarnação. Você sabe que eu não acredito nisso.

CABECINHA: Nem eu.

MARISA: Então, porque fala?

CABECINHA: Porque tá na onda. Todo mundo fala.

MARISA: Macaca de auditório.

CABECINHA: Ih, você não tem mesmo o menor senso de humor, hein? Descola uma alegriazinha aí, de leve, boneca. Em publicidade não pode ser ranzinza que nem funcionária pública, não. Por falar nisso, olha aí. Camisa de flor, saia xadrezinha. Aposto que tá de sandália havaiana...

MARISA: (Irritada) Uso a roupa que quero!

CABECINHA: Larga de ser cafona!

MARISA: Que é que tem de cafona em mim?

CABECINHA: Publicitária tem que andar com outra roupa e outra cara.

MARISA: Eu ainda não sou publicitária. Não esquece que

eu sou da Penha.

CABECINHA: Não vejo nenhuma glória nisso. E não vejo porque ficar mostrando o tempo todo que se é da Penha.

MARISA: Pare de me agredir.

CABECINHA: Já tá usando todos os termos do Nildo...

MARISA: Pois é. Um bom começo pra eu virar uma publicitária... Mas vai lá pra dentro curtir tuas fotografias, que eu prefiro acabar este texto. Senão o Nildo me come a alma.

CABECINHA: O Nildo não manda em você. Pelo menos não devia mandar.

MARISA: Não é problema de mandar. Ele é o chefe de criação desta droga aqui. Tem direitos sobre mim. E sobre você.

CABECINHA: Comigo não, violão. Comigo não. Eu hein? Olha bem pra mim. Nesta pessoinha aqui não manda nem a dona Sofia, nem o seu Zeca, meu pai. Nem a Gigi, aquela maneca que me passou uma boa gonorréia ano passado, e por quem eu puxei a Central do Brasil, de tanta gamação. Não manda o Nildo nem o próprio Gomes, que é o DONO disto aqui. Não manda o papa, a polícia, ninguém, sacou?

MARISA: (*Rindo*) Eu sei uma pessoa que manda em você direitinho.

CABECINHA: Quem?

MARISA: O cara do Credicard.

CABECINHA: (*Rindo*) Bom, esse manda. Esse e o Citycard, e todos os outros cards que inventaram para embananar mais ainda a vida financeira do povão.

MARISA: Manda também o cara da Fotótica. Cé já pagou a prestação deste mês?

CABECINHA: Paguei. Ou melhor não paguei. Mas só por perguntar: você é sócia da Fotótica? Ou do Serviço de Proteção ao Crédito?

MARISA: Só falei pra te provar que você tem dono como todo mundo, tem quem mande na sua cabecinha.

CABECINHA: Lógico! Hoje em dia, livre só morto mesmo.

MARISA: (*Sonhadora*) Bonito isso que você disse aí.

CABECINHA: (*Rindo*) Todo mundo na Penha é cafona como você? (*Abraça-a*) (*Ela ri*) Hummm... lavou a cabeça. Com shampoo... vai dar pro Nildo hoje?

MARISA: (*Desvencilhando-se dele*) Eu nunca dei pro Nildo!

CABECINHA: "Minha linda normalista, que a todos logo conquista..."

MARISA: (*Irritada*) Já expliquei mil vezes minha posição a este respeito. Não entendeu porque não quis... Ou porque é burro mesmo.

CABECINHA: Mas já passou montes de noites com ele, sozinha, aqui mesmo, nesta sala! Nada aconteceu? Nada?

MARISA: A gente ficou trabalhando. Aliás, você devia ter feito o mesmo.

CABECINHA: Mas e depois, depois que vocês... paravam... de trabalhar?

MARISA: Ia cada um para sua casa.

CABECINHA: Você nunca dormiu na casa dele?

MARISA: Esqueceu que ele é casado?

CABECINHA: Tô falando a *garçonière dele*, pô. Vai me dizer que ele não tem.

MARISA: Não sei. Nunca fui, nem ele me convidou.

CABECINHA: (*Ligando o gravador e ouvindo atentamente, num tom baixo, um jingle cantando por ele mesmo, sobre a batadeira*) Que droga. Às vezes eu penso: que será que tem dado na nossa cabeça pra gente bolar uns troços tão ruins?

MARISA: (*Muito séria, após uma pausa*) É mesmo, Cabecinha. Podíamos discutir isso: o trabalho não tá rendendo.

CABECINHA: Uma razão eu já sei qual é.

MARISA: Qual é?

CABECINHA: O Nildo.

MARISA: É, o Nildo tá em crise.

CABECINHA: (*Rindo*) Esta crise não é de hoje, filha. Trabalho com ele há oito anos. E há oito anos ele não bola nada que preste. Se não fosse eu... Crise, crise... Acho boa esta palavra. Justifica todas as brochadas das pessoas. Que crise nada. Ele já nasceu assim. Quando a mãe dele abriu as pernas e ele disse "ahhh", o médico falou: "Dona, seu filho tá em crise".

MARISA: Já sei que você detesta ele e ele te detesta. Não quero me meter nestas transas. (*Retoma a máquina e começa a escrever*)

CABECINHA: Marisa, eu só quero te avisar pra você não se arrepender depois. Solta o pé desse cara que ele não é boa coisa. Tô avisando. Em doze anos de profissão ele já jogou mais de trinta caras na lama. É o maior mau caráter da praça. Tô avisando. Depois ele te apronta uma preta, não vem dizer que eu não te avisei.

MARISA: Sou maior e vacinada. Deixa comigo.

CABECINHA: Me sinto responsável por você.

MARISA: Não sei por que você é responsável por mim. Não sei por que...

CABECINHA: Sete anos atrás eu tirei o teu selinho.

MARISA: Que coisa menor!

CABECINHA: Usa outra expressão. Esta é muito "Penha".

MARISA: Falo do jeito que eu sei falar.

CABECINHA: Mas escuta, você acha que não me deve nada, não?

MARISA: Absolutamente nada.

CABECINHA: Se não fosse eu ter namorado você, até hoje você estava trabalhando na Penha...

MARISA: Até parece que quem me tirou de lá foi você.

CABECINHA: Digamos que eu tenha dado um bom empurrãozinho!

MARISA: Só fez enfiar minhocas na minha cabeça. Depois sumiu quando eu tava bem apaixonada, bem besta...

CABECINHA: Dê graças a Deus eu ter aparecido na tua vida. Agora você tá aqui, ganhando salário de gente, trabalhando com gente... E não é mais virgem. Pensou no trabalho do Nildo se...

MARISA: Não quero que fale esses troços, já disse!

CABECINHA: (Sem escutar) – Pô! Até esse serviço eu tinha que fazer por ele... Agora ele só tem que te papar. O resto – as dores, as choradeiras. O "que que o meu irmão vai dizer?" e tudo o mais, quem teve que agüentar fui eu! Ele ficou só com o bem-bom.

MARISA: Faz sete anos. Você não acha que já devia ter esquecido? Ou já esqueceu, e fala só por que não tem sobre quem descarregar tuas neuroses? Você sabe que isso me fere.

CABECINHA: O que que te fere? Não ser mais virgem?

MARISA: Não sei. Essa coisa de falar da minha vida que nem se fosse um produto que a gente tem que anunciar. Eu sei lá... eu gosto de ter as minhas coisas, os meus segredos, a minha intimidade...

CABECINHA: Peguei! (Tapando a boca de Marisa) – Peguei outra palavra "tipo Penha": intimidade. Promete que não fala mais isso.

MARISA: Prometo. Saco! Me deixa trabalhar agora?

CABECINHA: Vaca amarela...

MARISA: .... pulou a janela... quem falar primeiro...

CABECINHA: ... come a merda dela! (Faz um x na boca) Não falo mais. Mas dentro de cinco minutos quero ver esse anúncio pronto.

MARISA: (Saco, ri) Que autoridade!

CABECINHA: (Começou a contagem) (Olhando o relô-

gio) ...um ...(Pausa) ...dois ...(Marisa se atira furiosamente sobre a máquina e começa a escrever outra vez. Depois joga fora o papel e coloca outro na máquina. Cabecinha começa a pintar. Imita "gênio temperamental". Marisa ri e depois concentra-se no texto. Ele começa a mandar beijinhos para ela, que agora parece mergulhada no trabalho)

MARISA: (Após uma pausa) Olha... (Vai até Cabecinha e demonstra insegurança) (Mostra o texto a ele) Vê que cê acha.

CABECINHA: Não é melhor você ir fazendo af, e quando o Nildo chegar ele examina tudo? Eu não sou bom pra julgar texto...

MARISA: Olha, olha que eu tô afrita...

CABECINHA: (Lendo) Tal... patati... patata... (Olhando muito sério para ela) Posso ser franco? (Ela aquiesce sem dizer uma palavra, tensa) Então, tá uma droga.

MARISA: Onde tá uma droga? Que pedaço?

CABECINHA: Tá sem conserto, Marisinha... Pô, mas não fica assim. Ninguém nasceu fazendo anúncio! Você tá nessa redação tem só oitenta dias!

MARISA: (Irradíssima) Não é possível. Eu já fiz vinte vezes o mesmo texto. Ou Nildo acha que não presta, ou ele acha que a abordagem tá errada... ou o contato vem e recusa! Agora é você. Acho que errei de profissão. Eu devia ter continuado secretária o resto da vida. (Cabecinha volta a pintar, com expressão de "Deixa pra lá") Cabeça, me diz que é que tem de ruim neste texto. Eu juro que acho ótimo! Eu juro. Serão os meus critérios? Também, o Nildo diz que é muito cedo pra se ter critérios nesta profissão...

CABECINHA: O primeiro passo pra ter critérios é saltar do pé do Nildo...

MARISA: Como? Ele é o chefe de criação! Ele é quem dá os temas das campanhas, quem diz o tamanho dos textos, quem diz se tá bom ou ruim...

CABECINHA: Mas você podia ir tentando, mesmo na ausência dele. Aproveita, hoje, por exemplo, que ele sumiu. Aproveita e tasca os teus textos. Quem garante que ele não tá te sabotando?

MARISA: Como sabotando?

CABECINHA: Que quando ele diz que uma coisa tá ruim, a coisa tá boa. Só pra te confundir a cuca.

MARISA: Mas que veneno! O Nildo gosta de mim. Ele só quer o meu bem, Cabecinha, ele só quer me ajudar. Quem me botou aqui foi ele...

CABECINHA: Fui eu!

MARISA: Bom, você me pôs *nesta firma*, como secretária do Dr. Gomes. Mas quem descobriu que eu podia fazer anúncio, foi ele.

CABECINHA: Tá af uma coisa que eu não acredito.

MARISA: Mas foi o que aconteceu. Você mesmo viu com seus olhos!

CABECINHA: Eu disse que não acredito que ele acredite que você possa fazer anúncio. Deu pra entender?

MARISA: Quer dizer... que ele me estimula só porque é bonzinho. Só por que sabe o que significa tudo isto aqui pra mim? Pode ser. Mas que vantagem que ele leva? E se não der em nada, uma hora ele vai ter que me mandar embora...

CABECINHA: Quem te manda ou não te manda embora é o Dr. Gomes. E esse nunca mandou ninguém embora.

MARISA: Cabeça, até hoje você não gostou de nenhum texto que eu fiz?

CABECINHA: Nenhum.

MARISA: Nem daquele do pêssego em calda?

CABECINHA: Qual, que eu não me lembro?

MARISA: (*Procurando na gaveta, aflita*) ESTE!

CABECINHA: (*Olhando e lendo*) "A FELICIDADE SEMPRE VEM PELA METADE"... É, este não tá ruim. (*Revoltado*) Não tô dizendo que este Nildo é um verme? Ele disse que este texto era dele, inteirinho dele, inteirinho dele. E que você dizia que era seu pra mostrar serviço pro Gomes.

MARISA: Nossa Senhora da Penha! Que mau-caratismo!

CABECINHA: Quando eu digo... Quer dizer que este texto é teu, é?

MARISA: (*Orgulhosa*) É. Meuzinho.

CABECINHA: Então, estamos diante de um dos futuros maiores salários deste país.

MARISA: (*Rindo*) E adeus Penha. Aliás você sabe que eu tô morando com a Vera, a secretária do Nandinho QI?

CABECINHA: Não, não sabia. Quando foi?

MARISA: Quando a gente começou a fazer a campanha dos cigarros.

CABECINHA: Nove dias atrás, então.

MARISA: É. Ela alugou um apartamento aqui perto. Assim, não gasta de condução. E me perguntou se eu não queria dividir. Pra mim é ótimo, porque assim eu também não gasto condução. E como já tô praticamente morando aqui dentro mesmo, né... O apartamento é tão chique, você precisa ver. Tem carpete!

CABECINHA: Olha a cafonice, olha a cafonice.

MARISA: ... tem geladeira daquelas de duas portas, sabe aquelas?

CABECINHA: Cupê!

MARISA: É, cupê! Tem uns móveis que nem esses aqui, tudo retinho... Me sinto tão bem lá, Cabeça! Sabe que eu combinei com a Vera? Quando acabar a campanha de cigarro, af eu vou ter tempo pra ir ver o resto da decoração com ela. A gente vai até uma loja onde tem essas coisas que não servem pra nada, sabe? Mola, pano de prato com água dentro... E vamos comprar uma porção desses troços pra alegrar a casa. Puxa, Cabeça, quando eu entro lá e não vejo a figura do meu pai sentado eternamente naquela cadeira de balanço... E não vejo o Beto, chegando da oficina igual um cavalo, sempre morto de fome, sempre gritando no ouvido da minha mãe - "Velha, cadê a bóia?"... Ufa, é um alívio. Meu pai só faz reclamar da vida, da aposentadoria, da vista que tá acabando cada dia que passa, da tecelagem, você nem imagina! O velho gastou toda a vida dele naquela fábrica, e nunca recebeu nada em troca. Era o salário mínimo, e agora a aposentadoria, que não dá nem pra comprar um quilo a mais de carne. Pô, que vida de merda! E o que é mais chato é ver ele reclamar da vida. Nem televisão ele não pode mais ver, por causa da vista. Tá quase cego. Você não acha que a aceleração devia indenizar a vista que ele perdeu?

CABECINHA: Devia indenizar a vida que ele perdeu.

MARISA: Também, eu não tô mais lá. Graças a Deus. Que felicidade chegar no apartamento, e ver a Verinha, toda bonita, alegre... ouvindo disco, contando as coisas dela com o namorado. É outro ambiente. Parece que eu comecei a nascer.

CABECINHA: Você não devia renegar assim a tua gente. Tua gente foi muito bacana com você.

MARISA: Quem disse que eu tô renegando? Eu tô dizendo que era chato chegar em casa e ver o Beto brigando, a mãe arrumando marmitta, o papai reclamando da tecelagem... isso que eu disse.

CABECINHA: Não esquece que eles juntaram anos e anos, todo mês, o dinheiro deles, pra você fazer o teu curso de secretariado no Mackenzie. Fizeram um puta sacrifício pra você, pelo menos você, não ser igual a eles. Você devia agradecer o resto da vida, em vez de ficar renegando, só porque agora o sistema te deu uma colherzinha de chá.

MARISA: Cabecinha, eu não tô renegando, eu...

CABECINHA: (*Fingindo-se de sério*) Você traiu a classe!

MARISA: Pô, Cabecinha, você mesmo foi lá em casa, vo-

cê até brigou com o Beto, você não acha o Beto insuportável com aquele machismo dele? E...

CABECINHA: Teu irmão é um saco! Eu sei disso. Só o fato de ele querer me fazer casar com você, na marra, já dava pra eu achar ele um saco até o final dos meus dias. Mas pô, Marisa, que você queria? Pobre, da Penha, mecânico de oficina, noivo de uma guria feia, burra, sem graça... Só podia ser assim, deixa o Beto pra lá. É a Penha. Aquilo é um hospício. Um lixo.

MARISA: (*Interrompendo*) É um bairro como qualquer outro. Então; tudo o que não é a Avenida Higienópolis ou o Jardim Europa é lixo, é hospício, é?

CABECINHA: Vai defendendo a tua origem, bonito. Gostei. Você vai morrer como uma menina da Penha. Bonito!

MARISA: (*Rindo*) Você que pensa. Eu vou "trair a classe", como você mesmo diz. Vou ganhar dinheiro paca. Vou pagar esta maldita Caixa Econômica Federal que tirou noites e noites de sono do meu pai. Tadinho do velho. Anos e anos pagando aqueles caras. E sei lá quando é que acabaria. Na outra encarnação, acho. Vai ser uma festa na Penha quando eu chegar contando que paguei o bruto das prestações, tudo de uma só vez. Pensou a alegria do velho? E minha mãe, então? Vai olhar pra tudo aquilo e saber que é dela. Só dela. O velho vai ser proprietário. Proprietário! Cego, inútil e aposentado: mas proprietário!

CABECINHA: (*Puxando-a para dançar e entoando a música com o nariz: "Perfume de Gardênia"*) Festa na Penha! Marisa Soares de Oliveira pagou a Caixa! Viva o pai dela, que agüentou mais de vinte e sete anos essa escravidão! Viva a mãe dela, que deu marmitta para ajudar o pai! Viva o heróico mecânico Beto que passou a vida embaixo de carros, sujo de graxa e cheio de ódio dos machos que queriam comer a irmã dele! Viva a Penha! Viva a raça pobre que um dia tomará o poder do mundo! E viva Marisa, que subiu na vida sem fazer força! (*Dançam e entoam "Perfume de Gardênia", juntos; Cabecinha tenta ensinar Marisa a dançar tango e ela erra todos os passos, quase cai no chão, o telefone toca, Cabecinha atende*).

CABECINHA: Alô? (*Para Marisa, rindo e tapando o fone*) Teu namorado é um cara muito quente, viu? Sabe de onde é? Da Alcântara...

MARISA: O Alex? (*Maravilhada*) O Alex tá te chamando mesmo? (*Cabecinha responde monossilabicamente ao telefone*) Hein, Cabeça, jura que é o Alex?

CABECINHA: (*No telefone*) Dona Almerinda? Sim. O telefone tá ruim. É, Cabecinha em pessoa. Manda af. O Alex quer falar comigo. Ótimo. Eu também quero falar com ele. Cara bom tá af! (*Põe os pés em cima da mesa, Marisa come unhas, deslumbrada e curiosa com o telefone*) Sim, Almeirindinha. Diz pra ele que eu tô af amanhã, às 3. Tá? (*Cabecinha desliga, parece em transe de tão alegre. Marisa fica atrás dele feito doida pra saber o que foi o telefonema*)

MARISA: Conta, Cabecinha. É o Alex de novo. Mas que sorte a tua! Ah, se esse cara me chamasse... Conta, Cabecinha, conta vai... (*Cabecinha liga o gravador e vai mudando de jingle*)

CABECINHA: A hora que eu quiser, eu largo este abacaxi aqui e me mando pra Alcântara. (*Ri, aponta a própria cabeça*) Não é à toa que eu tenho esse apelido: Cabecinha de ouro. Aqui tem coisa, Marisa... E custa caro!

MARISA: Você teria coragem de largar o Dr. Gomes numa situação destas?

CABECINHA: Ele não é meu pai. Além do mais, no mundo dos negócios não tem essa solidariedade da Penha não, boneca!

MARISA: Mas você vai esperar pelo menos a gente concluir a campanha do cigarro...

CABECINHA: Vamos ver, vamos ver... (*Acha um jingle gostosinho e começa a assobiar contentíssimo*) (*Entra Nildo; esbaforido, mal olha para os lados, e vai direto desligar o gravador. Cabecinha faz uma expressão de tédio e chateação, e imitando um robô vai até a prancheta onde se debruça e finge desmaiar. Marisa, ri, com um certo medo de Nildo*)

NILDO: Ô cara, fui pagar a Fotótica, tá legal? (*Cabecinha finge não ouvir*) Tô falando com você, Cabecinha! (*Cabecinha finge acordar*)

CABECINHA: Hein... Como? Nildinho, cê já tá af? Que coisa, eu nem te vi entrar...

NILDO: Não acho a menor graça. Eu disse e repito que fui pagar a Fotótica. Não te diz nada isso?

CABECINHA: (*Fingindo recordar-se*) Ah, já sei o que você está insinuando. Que eu devia ter te dado a metade do tutu, não é isso?

NILDO: Exatamente. Brilhante raciocínio. (*Estende a mão*) Pode ir soltando a grana.

CABECINHA: Não vamos entrar em atrito de novo, chefe. Eu já te falei que não tenho mais nada, nadinha de nada a ver com essa merda de equipamento, manjô? Nada! Você que

usa, desfruta, utiliza, e outros que tais. Eu não vou pagar nunca mais. Pode ir diminuindo teus gastos com as minas e as boates af que não vou deslocar um puto tostão pra essa Fotótica.

NILDO: Quer dizer que você não usa o equipamento? Então eu tô cego.

CABECINHA: Tá. Ceguinho da silva. Que nem o pai da Marisa.

NILDO: Como não usa? E aquelas fotografias da Suely bundinha? Quem foi que tirou?

CABECINHA: Eu. Usei o equipamento da firma. Estava fotografando a bateadeira. E sobrou filme, af eu tasquei a Suely. Foi isso. Se eu não tiver direito de usar nem essa Nikon pra fotografar as minhas bonecas então não dá, né chefe? Isto aqui tá parecendo um campo de concentração...

NILDO: Tá parecendo os psicodramas do Gaiarsa, isso sim. Bom, mas deixa essa discussão da Fotótica pra lá. Depois a gente acerta. Eu não sou teu pai pra ficar pagando tuas dívidas enquanto você estoura credicards por af enchendo a cara de chivas e o diabo. Depois a gente acerta. Diz af. Vocês fizeram alguma coisa?

MARISA: Eu não consegui fazer nenhum anúncio.

CABECINHA: E conseqüentemente, eu não fiz nenhum lay out.

NILDO: Mas pô, que que cês ficaram fazendo esse tempo todo? Posso saber?

CABECINHA: *Brain storm.*

NILDO: Não enrole. Você sabe quantos dias nós temos para acabar esta campanha de cigarro?

CABECINHA E MARISA: *(Ao mesmo tempo)* Três!

NILDO: Bonito. Parece coro gregoriano. E sabem quantos dias nós estamos tentando, e não saiu nada até agora?

CABECINHA: Nove.

NILDO: E sabem o que acontece, se a gente não criar nada até lá?

MARISA: O Nandinho QI dá bronca.

CABECINHA: Não, o negócio não é com o contato não, filhota. O negócio é com o Gomes, o pai de todos, o patrão!

NILDO: Acertou. Não é só bronca do Nandinho QI, não. Ele tá com a gente, nessa jogada. Se a campanha não sai ele TAMBÉM perde o emprego dele, falei?

MARISA: Bom, mas de quem é a culpa?

CABECINHA: A culpa, numa agência de propaganda, é sempre da Criação! Põe isso na tua cabecinha, como se fosse um teorema que você aprendeu no ginásio: A soma dos quadra-

dos dos catetos é igual ao quadrado da hipotenusa. E a culpa é sempre da Criação!

MARISA: Então... então... *(Patética)* então a culpa é nossa!

NILDO: Poxa, finalmente, hein? *(Abraça-a carinhoso e paterno)* Nossa, sim. Mas vamos lá. Cabecinha, mãos à obra.

CABECINHA: Com que roupa? Mãos à obra como, se vocês não me dão texto? Eu sou diretor de arte, amizade. Só sei fazer lay out. Meu negócio aqui é com a régua T, as tintas, os pincéis, e os cambaus. Não manjo nem quero manjar de texto, falei?

MARISA: Calma, Cabecinha. A gente vai fazer uma porção de textos lindos, não é Nildo? Manda ele ficar calmo, que assim ninguém agüenta, pô!

CABECINHA: Puxa-saca!

NILDO: Crianças! Chega de briga! Vamos trabalhar.

CABECINHA: Eu vou sair, tá, chefe?

NILDO: *(Impaciente)* Pô, Cabeça, onde é que você vai? Por que não fica, pra ajudar a gente a sacar esta maldita campanha.

MARISA: Fica, Cabeça, dá uma mão pra gente.

CABECINHA: Enquanto vocês criam os textos eu vou até a oficina ver como anda o conserto do carango.

NILDO: Falou. Mas não demore. Você sabe que daqui uns minutinhos o Gomes deve estar estourando por af com a notícia da campanha de eletrodomésticos. E se por acaso o cliente não aprovou, vai ser o chamado pé no saco!

MARISA: Essa é a última conta grande que o Dr. Gomes tem, né?

NILDO: É. Tem mais uns caquinhos de uma financeira, aquela, que a gente fez o folheto "dinheiro não traz felicidade, mas ajuda". Lembra?

CABECINHA: *(Não gostando do slogan)* Hummmmm *(Torce o nariz)*

NILDO: *(Vendo e fingindo que não liga)*... Pois é... tem também aquele varejão de ferramentas. Esse a gente não trabalha faz tempo. Você nunca pegou nada dele, Marisinha. Graças a Deus. É um cliente infernal. Deve ter hemorróida, o cara. Não aprova nada NUNCA. O Cabeça que o diga...

CABECINHA: Pô, é mesmo. A gente o dia todo aqui nesta prancha, marcando precinho disto, precinho daquilo, uns lay-outs de mau gosto que nem o Beto teu irmão não faria, Marisa. E o chato do cliente não aprova. Você leva coisa ruim, necas. Leva coisa boa, necas...



NILDO: Pois é. Mais é este cara o da financeira. O resto, meus filhos, o resto acabou. E se esta conta de eletrodomésticos der no pé também, como todas as outras, então estamos liquidados.

CABECINHA: Tem a de cigarros...

NILDO: ...a salvação da lavoura!

MARISA: A gente vai conseguir. Eu tenho certeza. A gente vai conseguir!

CABECINHA: Ainda bem que temos uma Polyana em casa, né Nildo?

NILDO: É (*Rindo e puxando o cabelo de Marisa*) Menina de ouro, essa. Vai ser um dos maiores salários do Brasil.

CABECINHA: Se aprender a fazer texto de gente...

MARISA: (*Fazendo uma careta para Cabecinha*) Vai, Picasso dos pobres. Vai lá ver teu carro. Quando você voltar, a campanha tá prontinha na tua prancha. Falado?

CABECINHA: (*Saindo*) Trabalhem direitinho, viu? Senão seu lobo chega e (*faz o gesto de comer*) papa todo mundo.

NILDO: (*Depois que Cabecinha sai*) Vê se não faz nenhuma dívida no caminho, seu putô!

CABECINHA: (*Já fora de cena*) Eu sou contra a sociedade de consumo!

NILDO: (*Enquanto Marisa, demonstrando o medo que tem dele, delicadamente cata os papéis sobre a mesa, numera-os, aponta rapidamente o lápis, olhando para ele com respeito e temor*) "Ordem, seu lugar... (*Com a bola na parede*) ...sem rir... sem falar... (*Erra*) Tô na pior. Errei. (*Recomeça*) Ordem, seu lugar, sem rir, sem falar...

MARISA: (*Apontando o lápis*) Se não me engano o Cabecinha furou a bola sem querer...

NILDO: Não faz mal. (*Continua*) ...uma mão, a outra... Um pé, o outro... bate palmas, pirueta, trás diante... Queda!

MARISA: Cé tá nervoso, Nildo?

NILDO: Um pouco. Este negócio de eu pagar sozinho a Fotóptica não tá legal, não, viu? Cabecinha é muito trambiqueiro.

MARISA: Também acho. Dá uma prensa nele.

NILDO: E já não dei? Mas ele sempre sai pela tangente.

MARISA: É o CREDICARD. Ele vai ter que pagar uma nota esse mês...

NILDO: A gente devia rasgar essas merdas destes cartões de crédito. Um atrás do outro. Pô, minha vida enguiçou duas vezes depois que eu comecei a usar essa droga.

MARISA: É, a gente perde as estribeiras... pensa que só

porque o cartão tá ali pro que der e vier é só ir sacando... Depois, no fim do mês...

MARISA: Você foi pra casa? Almoçou lá?

NILDO: Fui.

MARISA: Tudo tá em paz?

NILDO: Não. Os mesmos bodes de todo dia. A Ângela tá tão cheia de mim que passa igual uma seta. Não fala nem bom-dia mais. Deixa pra lá.

MARISA: Mas por que ela tá tão cheia assim? Ontem você foi cedo pra casa.

NILDO: É. Mas antes de ontem e trás anteontem e sei lá quantos dias faz, que nem dormir lá não durmo. Ela tá uma onça.

MARISA: Engraçado, né? Ela é sempre tão ponderada. Pelo menos é o que você diz...

NILDO: Acho que é esta psicanálise que tá estrepando o meu casamento. Desde que ela entrou naquele consultório começou a me tratar feito desconhecido.

MARISA: Faz tempo que ela tá lá?

NILDO: Uns cinco meses, mais ou menos. E já deu pra encher. Acho que vou mandar ela sair.

MARISA: E você acha que ela sai?

NILDO: Tem que sair, pô. Pelo menos na minha casa, mando eu.

MARISA: Cadê o cara moderninho, prá frente, liberado, sei lá o que... (*Rindo*)

NILDO: Tá aqui. (*Aponta-se*) Inteirinho. Só que uma coisa é ela ser livre. Outra é ela querer mandar em mim. Deu pra entender?

MARISA: Mais ou menos. Na Penha as coisas acontecem diferente.

NILDO: Conta aí...

MARISA: Se uma mulher tá cheia do marido, ou porque desconfia que ele arranjou outra, ou porque ele não dá dinheiro em casa, ela logo parte pro pau!

NILDO: (*Rindo*) Assim? Na bolsada?

MARISA: É bolsada, pezada, mãozada! Do jeito que der!

NILDO: Que antigo! Mas não deixa de ser folclórico. Pelo menos é melhor que o desprezo, puro e simples. Olha a Ângela entrando em casa, quando me vê. Faz de conta que eu sou ela e você sou eu. Tá? (*Ela assente. Ele passa por ela como se nem a visse, imitando mulher, senta-se, pega uma revista e cruza as pernas femininamente. Marisa ri*)

MARISA: E por que você não puxa assunto?

NILDO: Porque não tem assunto!

MARISA: Nenhum? A comida, as crianças, essa...

NILDO: Estamos casados há treze anos, Marisa. Tudo o que se podia falar de comida, casa e criança já se falou. Acabou o assunto.

MARISA: E quando acaba o assunto o jeito é separar, não é?

NILDO: Exatamente.

MARISA: Você não quer?

NILDO: Sei lá o que eu quero.

MARISA: Você ainda... ainda... *(Sem jeito de perguntar)*

NILDO: Se eu ainda durmo com ela?

MARISA: É... isso af...

NILDO: Faz um tempão que nem tento.

MARISA: Por que você não quer ou ela não quer?

NILDO: Quando estas coisas acontecem... é porque ninguém quer mais.

MARISA: Que chato, puxa!

NILDO: E você? Quando é que vai resolver dar pra mim?

MARISA: Nossa: você vai investindo de um jeito, parece animal...

NILDO: *(Rindo)* O bom dessas coisas é o lado animal delas. Todo ser humano tem uma fera na alma. Entende! *(Imita)* Grrrrr! Eu tenho a maior fome de você. Eu tenho uma tesão fulminante. Uma animalidade sadia. Uma coisa incrível. Maravilhosa. *(Parece em êxtase, mas está debochando)* Você é o meu lado vivo. A parte de mim que ainda se rebela, que ainda cria, que ainda PODE. Você é o que tenho de limpo, entende? *(Marisa está perplexa e encantada)* Ahhh viva a vida! Meu hálito fica até cheiroso. Minhas espinhas desaparecem. "O que é que você tem na cabeça, filha? Seda shampoo, o shampoo das estrelas de cinema". Até o meu cabelo fica mais sedoso quando estou perto de você. Compre Marisa Soares de Oliveira" *(Imitando garota propaganda)* A sua vida será só alegria, suavidade..." *(Grita)* MARISA SOARES DE OLIVERA! Um raio de sol na escuridão dos seu dias! Compre! Custa baratinho! Da Penha para o mundo!" *(Marisa ri às gargalhadas e abraça-o)*

MARISA: Tá de bom humor hoje! Quando te vi jogando a bolinha na parede pensei que hoje era dia de bronca!

NILDO: *(Voltando à seriedade)* Tô cansado paca.

MARISA: Esquece, vai. Esquece a Ângela, a Fotótica. Vamos trabalhar.

NILDO: É a única proposta que você tem pra me fazer? "Vamos trabalhar". *(Imitando-a com ironia)* Pô, mal acabo de chegar e lá vem prensa.

MARISA: Mas você disse que a gente tinha que deslanchar hoje...

NILDO: O prazo... tem o prazo... tem que ter prazo. Hora marcada. Tudo com hora marcada. E se eu não conseguir fazer essa campanha de cigarro? Por acaso eu sou computador? Estou programado? Daf eu chego, o cliente dá o prazo, o NANDINHO QI, subserviente, capacho como ele só, aceita o prazo. O Gomes vem e prensa a gente. Você aperta um botão em mim e pronto: está deflagrado o processo da criação. Criador criando. Não entre. Trimm!

MARISA: Não precisa se irritar. *(Carinhosa)* Eu entendo você. É chato, tanta responsabilidade na tua cabeça. Tudo você tem que resolver, né? Os problemas da Ângela, os problemas do Cabecinha, os meus problemas, os do Dr. Gomes... É chato... Quer um uísque? *(Nildo assente)* *(Ela pega um uísque e liga um toca disco, com uma música suave)* Descansa um pouco. A gente não vai trabalhar agora. Ainda tem tempo. Aposto que daqui a um pouquinho de nada, te bate uma inspiração louca af e pronto! *(Serve o uísque ele toma num gole só. Ela enche outra vez o copo)* Não vai tomar um porre não; promete pra mim? *(Ele assente outra vez, imitando criança)* Sabe Nildo.. eu pensei paca hoje. Eu acho que...

NILDO: Vai pedir demissão?

MARISA: Puxa, você é o segundo que me pergunta isso. Tô com cara de demissão?

NILDO: Não. É que você falou tão séria. Essa cara af a gente faz quando pede demissão.

MARISA: Não, não vou pedir não. Imagine se eu sou besta. Onde é que eu vou ganhar um salário destes? Na Penha? Naquela firma de computador que eu trabalhava? Nem morta. Pô, se o Dr. Gomes me mandar embora na marra, então eu saio daqui. A não ser que você... bom, pode ser que você mesmo esteja achando que eu... sei lá, que eu não dou certo...

NILDO: *(Entendiado, bebendo)* Você é ótima. Uma senhora redatora. Você é criativa, inteligente, pé-de-boi. Que mais quer que eu diga?

MARISA: Você acha isso mesmo?

NILDO: Acho, saco. Já falei cinqüenta mil vezes. Que insegurança! Mas que é que você está pensando af tão seriamente!

MARISA: Eu tava pensando... se por acaso, vamos suportar... se o cliente recusa a campanha de eletrodomésticos... e a gente não ganha a concorrência desta firma de cigarros...

NILDO: Fala, urubu!

MARISA: Não, vamos supor... se isso acontece, como é que fica a tua situação?

NILDO: Porra, eu vou saber? Sei lá, vou criar galinha no meu sítio lá em Orlândia! Posso ir para Londres, também. Pego meu fundo de garantia, compro uma passagem pra mim outra pra você. E vamos nós. Pô, por que esse pessimismo? Se não sou eu aqui, o Cabecinha te enche a cabeça de neuras.

MARISA: Nildo, eu acho que você devia ter peito e se enxergar.

NILDO: (*Levando um tremendo susto*) Enxergar o quê? Hein? O quê?

MARISA: Nildo, você tá em crise. Entende? Em crise. Você não tá produzindo mais. Quem tem feito todos os anúncios desta agência sou eu. E isto é bom pra mim, mas é péssimo pra você. Se o Dr. Gomes descobre, ele demite e espalha pela praça que você tá falido.

NILDO: (*Louco de raiva, parece que vai descer a mão nela*) Continua...

MARISA: Isso que eu disse. Você devia fazer uma auto-análise, como você mesmo fala.

NILDO: Continua... eu chego pro Dr. Gomes e digo: ô Gomes, eu fali, viu? Não, fali sim. A Marisa que disse. É, eu fali e vou vender tudo, que nem esses americanos que põe no jornal: vendo tudo. Vendo automóveis, eletrodomésticos e até a mulher, ainda é boa sabe? É só saber aproveitar que ainda tem coisa lá. É, vendo tudo. Vendo a máquina de escrever. Uma pasta de anúncios que é um verdadeiro patrimônio cultural! Vendo a máquina de filmar, as dívidas da Fotótica, e uma campanha por terminar. Pois é Gomes, eu fali, sabe? Não precisa nem me pagar o resto da quinzena. Amanhã mesmo eu vou embora daqui, da tua agência. Pega a Marisa e põe ela de chefe de criação. Pô, ela é uma raça brava. Tem sangue. Ela e o Cabecinha vão tirar você da lama. Os clientes vão voltar, todos bonitinhos. Vão parar na porta da agência, mendingando. "Gomes, pelo amor de deus, faz propaganda pra nós, faz?" É Gomes, foram dez anos de relações frustradas. Eu nunca vali nada. Eu não presto. Mas agora, entende, eu fiz uma auto-análise, a Marisa que me mandou fazer...

MARISA: (*Gritando*) Calma! Será que toda vez a gente tem que partir logo pra porrada? Não se pode falar como gente civilizada? Eu disse e repito que você tá em crise. Que você devia tirar umas férias. Que é desumano você estar trancado aqui há nove dias, tentando criar uma campanha sem ter condições psíquicas para isso!

NILDO: Alguém tem condições psíquicas pra criar alguma coisa, a esta altura dos acontecimentos, com uma família como a minha, com as dívidas que eu tenho, com título no protesto, com cárie no dente e com você na minha goela?

MARISA: Enfrente as coisas!

NILDO: Enfrentar o quê?

MARISA: Por que eu tô na tua goela?

NILDO: Por que eu quero te comer e você não deixa.

MARISA: E daí? Não é tudo que a gente tem na hora. A vida é uma conquista

NILDO: Quer parar de falar igual a Glória Menezes naquelas novelas torpes? Hein? Na minha frente, na minha agência, funcionário meu não fala igual novela de televisão. Volta pra Penha!

MARISA: Então não dá pra conversar mesmo, né?

NILDO: É. Não dá. Põe o papel na máquina e vamos trabalhar.

MARISA: Vamos fazer *brain storm*.

NILDO: Tá legal. Outra vez... *brain storm*. Tempestade cerebral. Vamos ver o que é que sai dos nossos cérebros "em crise".

MARISA: Começa.

NILDO: COMEÇA VOCÊ, PORRA!

MARISA: (*Desliga o toca-disco. Depois concentradíssima, senta-se numa poltrona, espalha-se e como um psicanalista, diz a primeira palavra*) Cigarro

NILDO: Cia. de Cigarros Progresso S/A.

MARISA: Uma campanha bem feita.

NILDO: Pra daqui três dias.

MARISA: O melhor cigarro do mundo.

NILDO: Fume pra relaxar.

MARISA: Fume que é bom.

NILDO: Fume, fume, fume até morrer desgraçado, até pegar um senhor câncer no pulmão...

MARISA: Quer não escrachar com nosso *brain storm*, senhor chefe de criação?

NILDO: Antes de decidir, fume...

MARISA: Precisamos sacar o nome desta droga deste cigarro primeiro!

NILDO: Continua falando o que te vier à cabeça. (*Ele senta-se contra ela, agachado próximo a poltrona*) Vamos lá... deixa eu ver... Progresso!

MARISA: Tem que ser nome de um cigarro pra jovem...

NILDO: O Nandinho QI disse que tinha que ser pra faixa de executivos bem comportados.

MARISA: Esses fumam Minister.

NILDO: Então tem que ser pra gente esportista...

MARISA: Esses fumam Hollywood.

NILDO: Então é pra gente bilionária... não... esses fumam Hilton!

MARISA: Pô, tô chegando à conclusão que TODO MUNDO NESTE PAÍS FUMA SOUZA CRUZ.

NILDO: Ou Maconha.

MARISA: Tá af! O apelo tem que ser na base da maconha. Olha, a gente sugere que o cigarro que a gente tá lançando contém fumo de melhor qualidade. Hindu!

NILDO: Af a Secretaria da Saúde vem e prende a gente, o cliente, o Gomes e o cacete.

MARISA: Eu disse que a gente pode sugerir. Não precisa um anúncio dizendo: fume maconha. Faz bem pro fígado! Pode intuir, por baixo, de leve.

NILDO: A burguesia vai ao paraíso...

MARISA: Nome de filme não vale.

NILDO: Fume o cigarro das pessoas livres.

MARISA: É o nome, Nildo, o nome que a gente tem que bolar. Não é o slogan!

NILDO: Quer parar de me podar? Vai podar a avó!

MARISA: Deixa ver... um cigarro que tira você da realidade...

NILDO: A fumacinha do além...

MARISA: Nirvana!

NILDO: *(Após uma pausa, descobrindo)* Genial! *(Levanta-se e abraça-a eufórico)* Gênia criativa do meu coração! Mary Wells, Jerry de la Femina, Neil Ferreira, meu amor, isto mesmo: NIR-VA-NA!

MARISA: *(Rindo)* "Gente que sabe o que quer, fuma Nirvana..."

NILDO: Isso af. *(Escrevendo numa folha de papel)* Nirvana. Vai ser esse o nome do putinho. Agora vamos descolar o tema.

MARISA: Fala.

NILDO: O jovem moderno fuma Nirvana.

MARISA: Isso parece o meu avô falando.

NILDO: Vai continuar me castrando, hein? Isto é brain storm ou interrogatório policial?

MARISA: É brain storm. Então fala alguma coisa que pfeite.

NILDO: Como já dizia minha mãe: a gente dá a mão eles querem os pés.

MARISA: Isto é pra mim?

NILDO: Não. É pra aquela porta ali. Você viu como aquela porta anda me tratando, ultimamente? Precisa ver, Marisa, outro dia ela me agrediu. Me deu uma portada bem no nariz!

MARISA: Tá legal. Vai. Descola um tema. Eu fico boazi-nha e te faço um cafuné. *(Começa a coçar a cabeça de Nildo)*

NILDO: Hummm... que cafuné bom. Vamos ver... Como eu ia dizendo: antes de decidir fume Nirvana. Gosta disso?

MARISA: Não é ruim. Mas bola pra frente, que ainda não é o quente.

NILDO: Saca você algum troço!

MARISA: Nirvana leva você ao esquecimento.

NILDO: O cigarro de quem não sabe o que quer. *(Ri forçadamente)* Pô, não era legal fazer uma campanha ao contrário do Minister? A gente chega pro Nandinho QI e fala que a estratégia de mercado é esta: inverter as bolas. A propaganda do Minister é careta, prum monte de gente careta. A nossa vai ser pra população jovem e livre do Brasil. E portanto, tem que ser o contrário do Minister. Ah, ah, ah, ah. Hein, Trabuqueira, que você acha?

MARISA: Sabe que eu acho uma boa? Acho mesmo. Tá af. A gente pode sugerir ao cliente que a campanha seja dirigida às pessoas que querem se libertar deste mundo careta. E sugere mesmo a maconha, mas de leve... Acho ótimo isso. Anota af. Depois a gente escreve na estratégia da comunicação...

NILDO: Com umas palavras bem pomposas, tal...

MARISA: É. *(Neste momento volta Cabecinha furioso, chutando as coisas no chão).*

MARISA: Que foi, Cabeça? Acabaram de escangalhar o teu carro?

NILDO: Cuidado com o que chuta, hein boneca, se me der um chutinho assim, leva porrada. Tô avisando. De gênio temperamental eu tô pelas tampas.

*(Cabecinha vai até a prancha, bufando e começa a ligar o telefone, dá ocupado. Ele começa a xingar o telefone).*

CABECINHA: Desgraçado, careta, cretino, filho da mãe, esquizofrênico, neurótico, mau caráter...

MARISA: Pô, Cabecinha, o que é que há?

CABECINHA: Hoje eu corto esse fio desse veado. Ele tem que dar linha!

NILDO: Mas o que é que há? Que estória é essa? A Suzinha não estava em casa?

CABECINHA: Não. Eu tô furioso com esses cretinos do Stúdio. Sabe que até hoje não acabaram o *past-up* da Financeira? Sabia? Você que é o chefe desta bodega devia ir lá e dar uma prensa neles. Eles não me respeitam. Estavam tomando pinga quando eu cheguei.

MARISA: Estavam todos no Stúdio?

CABECINHA: Estavam. Fiquei lá dando bronca neles e eles nem "tchum".

MARISA: E que é que tem o telefone com isso?

CABECINHA: Tô tentando falar com a gráfica. Sim, porque se eu não me viro, isto aqui vira literalmente um bordel.

NILDO: Crise de autoridade é? Vamos parar por aí que eu já tô cheio de agressão!

CABECINHA: *(Tentando ligar furiosamente)* *(Consegue)* O Vitorino tá aí? Como não está? Preciso receber as provas do varejão. Tem que ser hoje. Tô dizendo, pô, será que eu tô falando chinês? *(Cabecinha tira o fone do gancho. Ouve-se vozes do outro lado da linha percebe-se que o sujeito também está gritando. Cabecinha tapa o fone e diz para Marisa)* Hoje eu mato um. Não tenha dúvidas: eu mato um! Ah, mato, sim, se mato! *(Outra vez no fone)* Manda o Vitorino me ligar. Eu não falo com os escravos do rei. Só com o rei, sacou? E se não me mandarem hoje o que eu pedi, simplesmente eu mudo de gráfica. *(Desliga furiosamente. Marisa serve-lhe uma coca-cola. Nildo fica de pé. Contra a parede e começa a brincar com a bolinha)*

NILDO: *(Falando Baixo)* "ordem... seu lugar... sem rir... sem falar... uma mão... à outra..."

MARISA: *(Pra Cabecinha)* Cabeça, a gente bolou o nome do cigarro.

CABECINHA: Não me diga. Milagre! Manda lá!

MARISA: Nirvana! Que cê acha?

CABECINHA: *(Irônico)* É bom. O Nildo? Nildo, Nildo, parabéns. O nome do cigarro é bom...

NILDO: "uma mão... à outra..." *(Erra)* Errei, pô. Quer não atrapalhar? Que cê disse? Gostou do nome?

CABECINHA: Gostei, criativo paca.

NILDO: Foi ela quem bolou!

CABECINHA: Então parabéns pra você. E que mais vocês bolaram?

MARISA: Mais nada... *(Entram Gomes e Nandinho QI. Nandinho está todo engravatado, parece agitadoíssimo. Gomes está fumando, contendo a irritação)*

NANDINHO: *(Como se nem visse os três)* Gomes, relaxa, relaxa, senão, meu velho, a vieia estoura, e o teu coração ó...

GOMES: Mas Nando, que que a gente faz com esses caras? Não é possível! As cinco campanhas! Cinco linhas de campanha diferentes! Que mais eles querem? Duvido que alguma agência neste mundo teria o trabalho de apresentar cinco campanhas diferentes com *lay-out* e tudo para os mesmíssimos produtos, só por amor à arte...

NANDINHO: Você não viu que eles já estavam a fim de tirar a conta da gente? Então, qualquer coisa eles recusariam. Estes caras são assim mesmo. Tenho certeza que eles estavam de conchavo com a DPZ!

GOMES: E por que então deram esta última chance pra gente? Pra humilhar?

NANDINHO: Vai ver que é.

MARISA: Dr... que aconteceu? Eles recusaram a campanha da bateadeira?

GOMES: Antes fosse só a bateadeira. Recusaram todas as campanhas, de todos os eletrodomésticos: bateadeira, liquidificador, moedor de carne... tudo. Simplesmente tudo. E já tiraram a conta. O Duailibi deve estar se urinando de felicidade, essa altura dos acontecimentos.

CABECINHA: Você tem certeza que a conta vai pra DPZ?

GOMES: Só pode ser.

NILDO: Pode não ser também. Não esquece que eles têm a Wallita. E dois concorrentes numa mesma agência é meio impossível, não acha?

NANDINHO: O Cícero Silveira me contou que viu o cliente almoçando com Duailibi.

NILDO: Que filho da puta!

GOMES: Pois é, pois é... mas e agora? Hein? E agora? O faturamento desta joça vai pras picas de uma vez. Com que eu pago esta meia dúzia de contatos que estão lá embaixo? Com que eu pago os mil veículos que eu devo? E o teu salário? *(Aponta um por um)* O teu? O teu? Hein? Hein? Moçada!

MARISA: *(Servindo um uísque, trêmula, a Gomes)* Dr... toma um uísquinho... desse jeito o senhor tem mesmo um en-farte...

GOMES: Era até melhor...

MARISA: Nem diga uma coisa destas.

CABECINHA: Vai, Polyana, consola o patrãozinho aí...

NANDINHO QI: Gente, vamos conversar em paz. Deixa passar o afobamento, tá?

NILDO: *(Debochando)* A gente pode ir ao Cursilho contigo, Nandinho?

NANDINHO: Lá não entra mau caráter. *(Batendo no ombro de Gomes que sorve o uísque, desesperado)* Gomes, eu acho melhor você deixar os pruridos de lado, e...

GOMES: E demitir todo mundo! *(Os três se entreolham)* É isto que eu vou fazer...

MARISA: Bom, vou pegando minha trouxinha...

GOMES: Eu não falei que vou demitir ninguém da criação. Calma aí, moçada. Eu vou lá embaixo falar com aquela corja de incompetentes. A contatada vai toda pro olho da rua. Que que eles tão fazendo aqui, se não tem mais conta? Nada... Vão eles, o pessoal de mfdia. Todo mundo. Vou ficar só com o indispensável.

MARISA: Dr., não manda a Vera embora...

NANDINHO: A Vera claro que não vai! É a minha secretária.

GOMES: Mas você pode muito bem passar sem ela. Trabalha um pouquinho a mais, que não faz mal a ninguém.

NANDINHO: Gomes, isto não. Eu já ando sobrecarregado. Tudo nas minhas costas. A Vera não, pô!

GOMES: *(Erguendo-se com decisão)* Tá, tá legal. Não são 900 cruzeiros a menos que vão me fazer falta. A Vera fica *(Vai até a porta e depois volta-se com decisão)*. Gente, nesse momento, a agência vai praticamente fechar pra balanço. Vou demitir 90% do pessoal, vocês estão entendendo o que isto significa? Estamos numa crise fatal. São mais de 32 famílias desempregadas, só neste preciso momento. Isto quer dizer: cuidem-se, senão, os vossos empreguinhos também vão pras picas. E mais: se não acabarem essa campanha para a Cia. de Cigarros Progresso S/A até depois de amanhã, e se ela não vencer a concorrência e não for aprovada pelo cliente, está todo mundo no olho da rua. E eu fecho isto aqui e vou pra Londres aprender massagem zen! Entendido? *(Gomes bate a porta. Os quatro estão perplexos. Cabecinha começa a fazer o joguinho com Nildo, ambos atirando a bola contra a parede)*.

NANDINHO: Ainda bem que depois de amanhã começa o meu Cursilho. Três dias de paz de espírito. Iluminação e graça. Ando um frangalho. Quer vir comigo, Marisa? O Cursilho é uma coisa fantástica, você precisa ver como a gente se sente bem...

MARISA: Não, não quero saber de cursilho... *(Nandinho faz um gesto de desleixo e sai de cena, batendo a porta violentamente, Marisa olha para os lados atônita, e tenta chamar a*

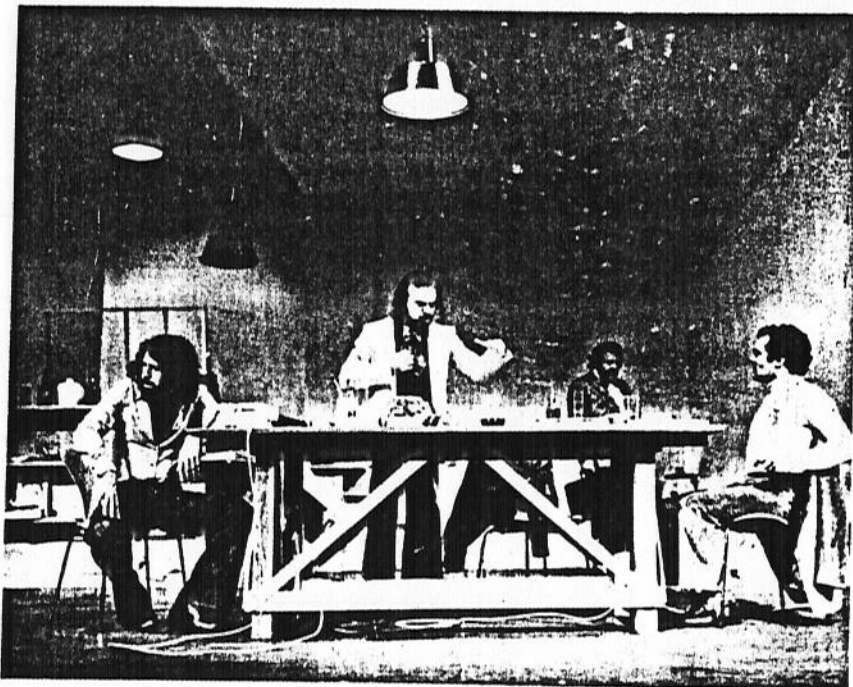
*atenção dos dois que brincam com a bolinha)* Ei, escute, Cabeça, precisamos dar um jeito. Nildo, você está ouvindo? Hein? *(Ela grita)* Vocês querem fazer o favor de me ouvir? A agência está falindo! Alguém tem que fazer alguma coisa pra ajudar o Dr. Gomes! Parem com esta bolinha maldita! *(Parece histérica)*

NILDO: *(Friamente)* Eu vou pra Orlândia criar galinha, já disse. *(Continua com a bolinha)*

CABECINHA: E eu vou pra Alcântara. Podem falar a vontade. *(Também continua com a bolinha)*

MARISA: *(Gritando, enquanto a luz se apaga lentamente)* E eu? Volto pra Penha? Um, em Orlândia. O outro na Alcântara. O outro rezando feito idiota. E eu? Hein? que que eu faço? E vocês tem que ajudar o Dr. Gomes. Coitado do Dr.! Ele sempre foi tão bom pra vocês. Seus egófstas! Insensíveis! Impiedosos! Algum dia ele deixou de pagar o salário de vocês? Alguém tem que ajudar esse homem! E me digam o que que eu faço se a agência falir! Eu odeio falências!

FIM DO 1.º ATO



Antonio Fagundes, Armando Bogus, Oswaldo Campozana e Othon Bastos, *Caminho de Volta*, Teatro Aliança Francesa, SP, 1974, Dir. Fernando Peixoto.

## 2.º ATO

*(Marisa e Nildo estão cansados, na sala de criação, Nildo, estendido num sofá, com um pano branco nos olhos. Marisa cochila sobre a máquina de escrever)*

NILDO: Marisa...

MARISA: *(Meio acordada)* Hum.

NILDO: Ainda tem engov af?

MARISA: Na gaveta do Cabecinha.

NILDO: *(Lentamente vai até a gaveta, abre-a e pega o engov. Acha um papel, lê qualquer coisa e murmurando vai até a geladeirinha, abre-a e enche um copo)* "telefonar pro Alex, marcar a reunião pra terça-feira que vem"... sabe, Marisa, eu ainda acho que é mentira esse chamado do Alex pro Cabecinha. Ele é meio mitômano. Gosta de fantasiar, inventar...

MARISA: *(Sempre na mesma posição, recostada na máquina)* Não é mentira, não. Eu vi ele falando com a secretária do Alex. Achou o engov?

NILDO: *(Engolindo)* Hum, hum.

MARISA: Que noite horrível.

NILDO: É. Parece que você não gostou mesmo, hein? É a origem. É a Penha que ainda tá no teu sangue.

MARISA: *(Reagindo)* Lógico que não. E se você contar...

NILDO: Calma, calma... continua teu cochilo af. *(Recosta-*

se na poltrona-saco e torna a pôr o pano sobre o rosto) Eu não vou contar picas. Não sou louco. Do jeito que ele te paternaliza...

MARISA: Ele acha que você me paternaliza. (Amarga) Se ele souber...

NILDO: Uma vez na vida você tinha que fazer sexo grupal. Pelo menos para poder contar pros teus netos. Não precisa carregar esse bonde de culpas, também, pô. Não gostou não faz de novo. E acabou.

MARISA: O Cabecinha disse onde ia ontem à noite?

NILDO: Não. Logo que a gente acabou a campanha ele saiu e foi se encontrar com a Suely bundinha.

MARISA: Mas me conta direito, que eu tava de porre e não me lembro. Ele viu todo mundo chegar? As manecas, os teus fotógrafos, todo mundo?

NILDO: Não. Quando eu comecei a convidar o pessoal ele já tinha se mandado.

MARISA: Esse pessoal é do tipo que conta?

NILDO: É.

MARISA: Tô estrepada.

NILDO: Mas ninguém tá preocupado com você. O pessoal não vai contar não porque é segredo. Mas porque não acham importante. Eles fazem suruba todos os dias.

MARISA: Se eles contarem, o Cabecinha acho que nem casa mais comigo.

NILDO: O quê?

MARISA: Isso que você ouviu?

NILDO: Casar?

MARISA: É. Casar.

NILDO: Não estava sabendo. Aliás nem imaginei. Mas que puta cafonice!

MARISA: Pois é. É a Penha.

NILDO: (Rindo) E o Cabecinha, que não é da Penha nem nada, entrou nessa como?

MARISA: Está apaixonado por mim. Com alguns anos de atraso, mas não tem importância.

NILDO: E você. Tá apaixonada por ele?

MARISA: Não sei. Acho que sim.

NILDO: Como é que a gente sabe quando está apaixonado...

MARISA: Puxa, você já esqueceu? (Ri amargamente) Meus pêames.

NILDO: Você sabe que eu tava muito a fim de você.

MARISA: Estava a fim de dormir comigo. Só isso. E depois que consegui...

NILDO: Consegui nada. Você não se lembra, mas tinha pelo menos três pessoas transando com você ontem, sabia? Eu não tive vez.

MARISA: (Tapando o rosto) Chega! Você me obrigou a fazer uma experiência que eu considero fúnebre. Que eu vou me envergonhar o resto da minha vida. Não quero mais lembrar. E se você falar de novo nisso eu nem sei o que faço.

NILDO: (Relaxando no sofá) Deixa pra lá. Eu não vou estragar teu casamentinho. Não tô com ciúme também. Tô mais é de saco cheio de tudo. Vocês, mulheres, são todas uma cafonias.

MARISA: Como é que tá a Ângela?

NILDO: Hoje quando fui almoçar em casa, ela pediu literalmente o desquite.

MARISA: Nossa!

NILDO: Pois é. Já chamou até o advogado, sei mais lá o quê. Tá a fim de discutir com quem ficam as crianças, quanto que eu vou dar de mesada... essas coisas.

MARISA: E não tem concerto?

NILDO: Pra mim não tem. O casamento é uma instituição falida. Não vou ser eu que vou tentar remendar uma coisa que já não deu certo para a maioria do mundo civilizado.

MARISA: Mas você gosta ou não da Ângela, afinal?

NILDO: (Frio, entediado, irritado) Já disse que não sei mais o que quer dizer isto: gostar, não gostar, respeitar, não respeitar, dignidade, justiça, salvação, caridade, ternura. Isto são coisas que os meios de comunicação inventaram, para justificar cada vez mais a escravidão das pessoas. Os sentimentos foram inventados pelo cinema. Pela televisão. Pela propaganda. O que existe é a comida que a gente come e as coisas que a gente usa. Às vezes eu penso se no fundo, no fundo, uma pessoa e uma coisa são realmente diferentes. Pensa bem: você lida o dia inteiro com a inconsciência das pessoas. Quando você pega um *Briefing*, um relatório, sobre um produto e um mercado para colocar esse produto, o que é que você faz? Você estuda que tipo de motivação, que tipo de SENTIMENTO, DESEJO, as pessoas teriam ao comprar determinada coisa. Neste momento, a criatura e a "coisa" são um troço só. Pelo menos pra gente aqui, que passou a vida toda entendendo as pessoas com o único intuito de fazê-las comprar coisas, idéias, conceitos, sentimentos. Entende? Sentimento também devia ter embalagem e ser vendido no supermercado com brinde, preço de oferta e tudo. "Dois quilos de



amor por apenas cem cruzeiros. E leve um pouco de medo pra casa, de graça." Uma mulher compra uma máquina de costura porque acha que vai fazer roupas bonitas pra reconquistar o marido, que já tá de saco cheio dela. Um menino compra um sorvete pra "gratificar as carências de afeto" do que não lhe dão em casa. Um homem compra um opala pra parecer que subiu na vida. Não é isso que a gente aprende, nos relatórios sobre mercados que vão consumir nossos produtos? O amor... o amor... também é uma invenção da Metro. Que a TV Globo continuou usando a tem dado quilos de IBOPE. Eu aprendi o que era amor no filme *Casablanca*. O mocinho beijava a mocinha. E era lindo. Tocava uma música de fundo. Minha vida inteira eu esperei acontecer o que tinha acontecido naquela cena. E nunca, nunca aconteceu. Então, Marisa, eu resolvi um dia o seguinte: pra ser livre desta máquina, eu tenho que me libertar dos meus sentimentos. Que são sentimentos que a máquina inventou. Eu entendi que tinha que me despojar das minhas próprias idéias sobre o que devia ser a solidariedade humana, o homem, a sociedade. E quando eu fiz isso, eu consegui ser livre. Livre deles! (*Aponta paranoicamente tudo ao redor*) Eu sinto, aqui dentrinho de mim, no fundo deste peito cheio de pigarro, que a emoção é uma coisa inventada pelo cinema.

MARISA: Você está doente... Você tá mentindo... Você não é o mesmo Nildo que eu conheci quando entrei aqui... o cara que me deu anuários de propaganda pra ler, o cara que me ensinou uma profissão maravilhosa... o cara que me disse tanta coisa importante fundamental, definitiva.

NILDO: Eu não quero fazer parte desta massa de carneiros. Preferi ser o cara que comanda a massa. O preço disto é não me deixar levar pelos sentimentos. Por isto, não me pergunta nem me cobra a palavra "gostar" que eu não sei mais o que é. Igual o Humphrey Bogart eu não sei. E outro jeito eu não conheço.

MARISA: De mim você gosta! Da tua mulher. Dos teus amigos que vieram aqui ontem.

NILDO: Vamos dizer que eu tenha um "bom gosto" estético, frio, calculado. Você me atrai porque é uma gracinha. Gosto de tua magreza. Gosto do teu nervosismo, da tua ingenuidade. E você trabalha paca, então serve.

MARISA: E por que me botou naquela nojeira ontem? Pra me testar? Que nem rato de laboratório? Você não sentiu nada? Nem prazer, nem medo?

NILDO: Nem prazer nem medo.

MARISA: E as tais relações livres entre homem e mulher, de que você tanto falava?

NILDO: São essas: relações sem emoções. O mesmo gosto que você tem comendo o puro-puré da Cica, você tem comendo uma mulher nova. Lançada hoje no mercado das emoções. Mas é uma coisa física. Como é físico o aparelho digestivo. Como é físico tudo o que compõe o corpo humano. A alma também é uma invenção de publicidade.

MARISA: Você está me gozando. (*Sorri perplexa, entre as lágrimas*) Não é possível dizer tanta loucura. Você tá me gozando... A alma... (*Quase chorando*)

NILDO: A alma é um conjunto de temas impostos pelos meios de comunicação. Os sentimentos são um conjunto de temas impostos pelos meios da comunicação. A pessoa humana é uma criação dos temas impostos pelos meios de comunicação.

MARISA: Alguém tem que te internar num hospício! Você devia ser proibido de dizer estas coisas nojentas por aí! Eu não acredito que estas teorias existam na tua cabeça. Você tá querendo me confundir. Você tá querendo me gozar. Pára com isto! Este teu cinismo me enche a paciência!

NILDO: Menina boba. Precisa aprender a levar paulada sem sofrer. Precisa aprender a não sentir dor. Eles não merecem isto. Eles são todos inconscientes. Eles não merecem o seu esforço. Nem o seu nojo. Entende?

MARISA: Você parece um leproso com esta indiferença. Que coisa absurda, louca.

NILDO: E você não vai deixar nunca de ser uma menina da Penha. Cheia de ilusões na cabeça. Cheias de imagens bonitas. De esperanças. Você parece um filme de Jean Manzon.

MARISA: (*Erguendo-se e abrindo a blusa*) Cadê o tesão fulminante?

NILDO: (*Rindo às gargalhadas*) Sabe que no fundo você é feia paca?

MARISA: Cadê o tesão fulminante? A "fome de amor", sei lá o que mais? O tal lado teu que se rebelava, e outras poesias babacas que você cuspiu na minha cara o tempo todo?

NILDO: Parece uma bateadeira... igualzinha. (*Pega o braço dela, que imóvel, deixa-se conduzir*) (*Ele começa a mexer o braço dela, como se fosse a faquinha da bateadeira*) Trinta e oito mil rotações por segundo. Nhec, nhec nhec... (*Torna o ritmo mais rápido*) Nhec, nhec nhec... Em ritmo de Brasil Grande! Tritura até gelo! Qual é a diferença?

MARISA: Eu sou de carne e osso.

NILDO: Você é que pensa. Os "bruxos da sociedade moderna", os que mexem com a cabecinha das pessoas, os que comandam a estupidez das massas... esses são de plástico. De aço inoxidável. Material de primeira categoria. Produto de primeira necessidade. Duram... São resistentes... Eternos. Lúcidos! *(Marisa começa a fazer cócegas no pé dele)*

MARISA: Nem cócegas no pé você sente?

NILDO: Nem isto. Atingi a perfeição.

MARISA: *(Deitando-se histericamente sobre ele)* Se eu te desse choque elétrico? Se eu te arrancasse as unhas com um estilete? Se eu te lixasse a pele até ficar em carne viva? Se eu te espancasse no rosto e nas costas? Você fazia o quê? Se eu te dissesse que é mentira que o Alex te chamou, porque o Cabecinha me contou? Que é mentira que o anúncio que ganhou o prêmio melhores do ano, ano passado, é teu? Se eu te dissesse que sei que você é incapaz até de criar anúncios? E te contasse que as tuas poesias são todas da pior qualidade? Hein? Você não ia se sentir por baixo? Humilhado? Se eu te contasse que os caras que você tanto admira, no curso de letras que você fez, todos, sem exceção, contam que você foi o aluno mais medfocre da classe, todos os anos da faculdade? E que você tem mau hábito insuportável. Que a tua falsa sabedoria já não engana ninguém. Que o Gomes te agüenta porque está enganado a teu respeito. Se eu contar pra ele que há muito tempo quem cria os anúncios desta agência sou eu, com muito menos experiência que você, uma menininha da Penha, inculca, ingênuo, que parece uma bateadeira? Hein, Nildo? Hein? Você não ia sentir uma dor brutal, uma dor física e mental, de saber que ninguém no mundo acredita em você? Que os teus anúncios não comandam a massa? E que até a tua consciência desta miséria aqui é furada, e que todo mundo, todo mundo na profissão, acha que você não serve mais NEM para copidescar os textos dos principiantes?

NILDO: *(Rindo)* Eu ia te achar uma gracinha. Uma publicitária em ascensão. Mau caráter como todos os publicitários do mundo. No caminho certo para perder todos os sentimentos. Tua posição é correta. Me tortura. Me bate. Me xinga. Você vai ver como eu não sinto nada. Pelo menos em nome de um sistema que eu abomino.

MARISA: Você não sente e não reclama. E não protesta. Se eles quiserem te matar, te emburrecer, você deixa, então.

NILDO: Exatamente o contrário. Eles não me atingem mais.

MARISA: *(Erguendo-se procurando um úlsque para tomar. Cospe)* Cadê o teu tesão fulminante?

NILDO: Eles levaram.

MARISA: Eles quem? *(Nildo faz "psiu" com o dedo na boca)* *(Marisa repete o gesto dele e pergunta em voz baixa)* Era mentira?

NILDO: Era. Uma mentirinha que eu inventei pra me dar ânimo criativo, como dizia minha avó: inspiração.

MARISA: *(Pegando um saco com roupas no armário)* E estes presentes que você me comprou? Se eu deixasse de ser cafona? *(Coloca uma calça Lee japonesa, uma camiseta moderninha, brincos)* Diz, não era assim que você queria que eu ficasse? Tô sexy que nem a Suely bundinha?

NILDO: Uma mulher liberada. Uma publicitária charmosa. Uma verdadeira Mary Wells.

MARISA: *(Indignada)* Nada no mundo te comove? Te dá tesão? Te dá medo? Você não é de verdade... *(Atira-se sobre ele, cutucando-o)*

NILDO: *(Afastando-a)* Pra você ver. *(Pausa)* Escuta, você não tá fazendo o primeiro ano de comunicação na USP?

MARISA: Tô.

NILDO: E não aprendeu ainda que o papo agora é outro, neste mundo? É cálculo. Computador. Carga de informação "intensidade de contato". Tudo certinho, medidinho, programadinho?

MARISA: Programadinho e medidinho pra quê?

NILDO: Pra todas as pessoas... *(Professoral, didático)* comprarem as coisas e as idéias que umas poucas pessoas produzem no mundo. Para a vida parecer cheia de prosperidade e paz. Para incentivar o sonho, já que a realidade é um defunto fedido. É uma máfia, entende? O mundo do consumo é uma máfia maravilhosa, com o pleno acordo de todos. Viver é consumir. Ou você fica do lado dos que manejam o consumo, ou é consumida por eles. Quem você prefere ser: a dona-de-casa que vai ao supermercado hipnotizada, ou aquela que hipnotiza a dona-de-casa?

MARISA: Eu queria ser independente disto tudo.

NILDO: Então tem que se suicidar hoje, neste momento. Aqui mesmo.

MARISA: Foi assim que você fez com os tais caras que você desempregou na tua vida? Os tais que você mesmo diz que jogou na lama? Foi convencendo que esta profissão é um assassinato diário à liberdade das pessoas?

NILDO: Não. Eu tinha outros métodos. Eu dizia que um era um doente mental. Outro não tinha talento. Outro era demorado, lento. Outro era mentiroso. Eu fazia o possível pra não deixar

ninguém tomar meu lugar no império. Porque não falta gente vendendo a consciência por qualquer salário. Se você, num ataque de lucidez largar a profissão agora, amanhã já tem pelo menos trezentas Marisas trabuqueiras por aí, na porta, mendigando teu lugarzinho. Loucas para serem as bruxas do mundo moderno. Loucas pra hipnotizar o mundo. Só que nem todas são criativas como você. Sim, porque a máquina é exigente. Ela quer pessoas superdotadas. Não é qualquer babaca que pode ser redator. Nem qualquer menininho com "pendores" para as artes plásticas que pode ser diretor de arte. Precisa ter garra. Precisa ter talento. Talento pra sacanear. Talento pra agüentar. Talento pra jogar charme. Talento pra cobrir o defunto com a melhor roupa possível, disfarçando bem as feridas, as cicatrizes, a putrefação... entende?

MARISA: *(Se debruça na máquina, cansada, abatida, fria)* Vou trabalhar.

NILDO: Faz bem. Mas que você vai fazer? Estamos esperando resposta da Cia. Progresso. A campanha ainda tá lá, sendo aprovada ou recusada. E não há mais nada pra fazer.

MARISA: Vou fazer o folheto da financeira. Aquele encailhado...

NILDO: Calma. Descansa primeiro.

MARISA: Vou fazer que eu não tô a fim de perder o emprego. A mim você não sacaneia, não.

NILDO: Se você perder o emprego, te levo pra Alcântara comigo. Você não acredita, mas o Alex me chamou, sim.

MARISA: Tá precisando de uma boa sonoterapia, você. O Alex chamou o Cabecinha, só o Cabecinha, entendeu?

NILDO: O Alex, o Duailibi, o Sérgio Graciotti... todos me chamaram. Eu é que não fico usando isto pra chantagear o Gomes, como o Cabeça faz.

MARISA: *(Pegando um anuário, acha um anúncio)* Era esse que eu tava querendo te mostrar, e não achava.

MARISA: *(Lendo)* Don't blow it with druggs. *(Com um inglês horrível)* Richard Earle.

NILDO: *(Corrigindo o inglês)* EARLE.

MARISA: "Não... *(Traduzindo)* ...não..."

NILDO: ...Não encha isto de drogas... *(Ele analisa o anúncio)* Tá vendo? O lay-out é simples: um cara sem cabeça, e a chamada pra ele não encher o que falta, ou seja a cabeça, com drogas. Antitóxico. Podia ser antiideologia. Antitudo. "Não encha" *(Aponta a cabeça de Marisa, puxando-lhe carinhosamente o cabelo)* isto... com bobagens. Com ilusões.

MARISA: Você já expôs sua teoria louca. Deixa eu fazer o

folheto da financeira. *(Observa ainda uma vez o anúncio e repete para si mesma, soletrando, tentando caprichar no inglês)* "Don't blow it with druggs"... Richard Earle... *(Continua batendo à máquina. Nildo pega um outro anuário e fica folheando, depois pega outro Alka Seltzer e enche um copo com água).*

NILDO: Será que a campanha vai ser aprovada?

MARISA: Deus queira.

NILDO: *(Tomando o Alka Seltzer)* Hoje esta ressaca tá fogo de agüentar. Meu fígado deve ter virado pedra.

MARISA: Pára de beber.

NILDO: É fácil falar.

MARISA: O Cabecinha disse que hora voltava?

NILDO: Daqui um pouco ele estoura aí. Foi resolver uns galhos com a Suely. Parece que ela engravidou.

MARISA: E quem garante que o filho é dele? Ela dá pra meio mundo!

NILDO: Ela diz que é dele. E ele, como bom samaritano, tá lá quebrando o galho.

MARISA: Que cretina!

NILDO: Tá com ciúme? *(Ri)* Mas a Penha teve efeitos fantásticos em você! Ciúme de um namorado de sete anos atrás?

MARISA: Eu gosto do Cabecinha. Gostei dele desde o dia que vi ele pela primeira vez saindo pela porta da arquitetura no Mackenzie. Ele me olhou e disse: "Magrinha, tem uma festa na casa de um amigo meu, o Bibó. Quer ir?"

NILDO: Que romântico?

MARISA: Pois é. Eu fui. E a gente namorou. Daí deu mil bodes, ele sumiu, eu fui trabalhar num lugar longe à beça de onde ele trabalhava, a gente não se viu mais.

NILDO: E você ficou esperando ele voltar.

MARISA: Fiquei.

NILDO: Olhando na janela todos os dias. A mesma esperança e a mesma agonia.

MARISA: Exatamente.

NILDO: E depois dele você nunca mais transou com ninguém?

MARISA: Transei. Mas não consegui me apaixonar.

NILDO: E agora, apaixonou de novo.

MARISA: É.

NILDO: Pelo próprio Cabecinha.

MARISA: É.

NILDO: Que te tirou a virgindade.

MARISA: É.

NILDO: E vão casar de véu e grinalda...

MARISA: Numa igreja bem chique. Pra todo mundo ver.

NILDO: Você acredita em todas essas coisas, ou está, você sim, me gozando?

MARISA: Eu acredito nessas coisas.

NILDO: Se der certo, me conta: vou te colocar num museu.

MARISA: Pode ir reservando lugar porque VAI dar certo. Eu tenho esperança em mim. Nas pessoas. Eu não cansei como você. *(Entra Cabecinha cansado, cheio de revistas e livros sob o braço, e a máquina fotográfica).*

CABECINHA: A campanha foi aprovada?

NILDO: Ninguém sabe ainda. Estamos esperando a resposta.

MARISA: *(Olhando amorosamente para Cabecinha)* A gente acha que vai ser aprovada. Se for, vamos comemorar, né Cabeça?

CABECINHA: Vamos lá pra Penha, no boteco perto da oficina do teu irmão... *(Ri)* Legal?

MARISA: Legal... E como foi com a Suely?

CABECINHA: Putz, nem fala. Mulher é um troço enrolado mesmo. Ela tá grávida. Bom. Isto é fato, escrito e escarrado, no papel que ela mostrou: pregonsticon. Positivo. Tá grávida e o filho, DIZ ELA... é meu. Daf, o que é que a gente faz? Tira, evidente, não é?

MARISA: Claro!

CABEÇA: Ela não quer tirar!

NILDO: Não sei por que que é tão claro! E se ela resolver ser mãe? Oras, deu vontade de criar barriga. Tá na moda, a batinha...

CABECINHA: Não enche, Nildo. Vai resolver a sua vida lá com a Ângela, e solta meu pé, falado?

NILDO: Falado. Falado. O casalzinho parece que não tá de muito bom humor.

CABECINHA: Não mesmo.

NILDO: Essa aí é a minha máquina?

CABECINHA: Não. É a Nikon da firma. Do Dr. Gomes.

NILDO: Você fotografou o quê? O teste de gravidez da Suely?

CABECINHA: Fotografei umas latas de lixo lindas, ali na Pompéia. Vai ficar jóia Marisa. Vou fazer um estudo sobre latas de lixo.

MARISA: Pra quem?

CABECINHA: Pra mim. Ou melhor: para a posteridade do mundo da fotografia.

NILDO: Pretensão e água benta...

MARISA: Boa. Cabeça! Você não pára! Vamos revelar os negativos juntos?

CABECINHA: Vamos.

NILDO: Enquanto o jovem casal se diverte com seus amadorismos, eu vou pra minha casa ver como é que tá a Ângela.

CABECINHA: Vai ver, até já nem está mais lá... Pensou, a casa vazia? Que fossa, hein bicho? Que cê vai fazer?

NILDO: Pode ser que eu chore. Se acontecer de eu chorar, te chamo pra tirar uma fotografia de mim. Fica bonito. Pôe um título assim "lixo": E manda pra bienal. *(Rindo, sai com o casaco nas costas, entediado, desalentado. Ainda na porta)* Trabuqueira, quando o Gomes ligar com a resposta da campanha dá um toque lá em casa, tá?

MARISA: Acho melhor você ficar. Pro teu bem, pô. Não é meio irresponsável da tua parte sair enquanto a gente espera esta maldita resposta? Afinal, teu emprego depende disto.

NILDO: Tenho muitos anos de janela. Sei quando é hora de sair de cena. Quanto ao meu emprego, não se preocupe. A gente dá um jeitô.

*(Sai. Cabecinha começa a rir, subitamente)*

CABECINHA: Marisa, você sabe da maior? É mesmo mentira do Nildo o tal chamado do Alex.

MARISA: *(Animada)* Você esteve com o Alex?

CABECINHA: Estive. Sai da casa da "mãe do meu filho" e fui pra Alcântara.

MARISA: Quanto o Alex vai te pagar?

CABECINHA: Ainda não ficou certo. Mas eu acho que é por volta de quinze.

MARISA: *(Deslumbrada)* Cabecinha do céu!

CABECINHA: *(Feliz da vida, pega o pincel e pinta o rosto dela: bolinhas, coraçõezinhos)* Viu? Agora cê casa comigo! Hein?

MARISA: Imagina se eu não casava por causa de dinheiro?

CABECINHA: Casa ou não casa?

MARISA: *(Já toda pintada)* Caso. Caso agora. Mas e a Suely?

CABECINHA: Eu lá tô a fim de maneca maluca, pô. Esse tipo de mulher, é pra gente curtir e pronto. Ela vai tirar o filho, na raça. Ficou fazendo mil chantagens, dizendo que já gostava do filhinho que estava na barriga, sei lá. Ela quer é grudar no meu pé. Mas comigo não. Chega o Credicard. E as prestações do carro. E o Nildo. Chega de gente querendo mandar em mim. Eu só faço o que quero. E o que eu quero, no momento, é resolver esta nossa transa. Tou disposto ATÉ a falar com o Beto teu irmão.

MARISA: *(Rindo)* Ele não tem nada contra você, seu bobo.

CABECINHA: E você? Como foi que entendeu que gostava de mim?

MARISA: Quando eu entendi que não gostava do Nildo.

CABECINHA: E o estalo deu de uma ora pra outra, ou ele aprontou alguma?

MARISA: Aprontou várias. Mas eu preferia não falar.

CABECINHA: Não se fala. Pronto. *(Cabecinha começa a olhar atentamente para Marisa)* Você chorou.

MARISA: Não, não, é que eu não tenho dormido direito por causa desta campanha.

CABECINHA: *(Examinando atentamente, tirando os desenhos com um pano)* Você chorou. Tá com o olho inchado. Ei, e esse bafo?

MARISA: Eu bebi ontem.

CABECINHA: Onde? Aqui?

MARISA: É. Depois que você saiu, o Nildo chamou um pessoal amigo dele.

CABECINHA: Quem?

MARISA: Uns fotógrafos, umas manequins... Gente chata pacas...

CABECINHA: *(Desconfiado)* Por acaso tinha um cara chamado Vivi, outro chamado Leo, e...

MARISA: Todos esses...

CABECINHA: A turma do bacanal...

MARISA: Não entendi...

CABECINHA: Que foi que vocês fizeram, aqui, ontem, quando a gente acabou a campanha?

MARISA: Eu fiquei bebendo com eles. Só isso. Só isso.

CABECINHA: Marisa, eu tô caindo de conhecer estas caras. Quando eles se juntam, é pra fazer coisas que até o diabo duvida. Tá me entendendo?

MARISA: Não vi nada... também... *(Atrapalhada)* Eu bebi paca. Você sabe que eu sou fraca pra bebida. Bebi e caí dura, na sala do Gomes, naquela poltrona.

CABECINHA: Não viu nada do que eles fizeram?

MARISA: Não. Nadinha... Nem sei que horas eles foram embora.

CABECINHA: O Nildo dormiu aqui também?

MARISA: Não. Só eu e a Vera.

CABECINHA: A Vera... *(Achando uma resposta)* A Vera é meio galinha, sabia?

MARISA: Não fala assim dela. Eu gosto muito dela. Ela é gente paca...

*(Cabecinha começa a pintar)*

CABECINHA: Olha, vou te dar um crédito de confiança. Mas me permita averiguar a noite passada nesta agência. Se você participou de algum bacanal, então não tem casamento. Neste ponto, EU QUERO SER DA PENHA, falou? Mulher minha não transa com filho da puta. Por essas e outras, dava na mesma casar com você ou com a Suely bundinha. Quem gosta de sexo grupal é ela. Você não. Entende? Você nunca. Pode me chamar de tudo o que quiser. Até de moralista. Mas você, se entrou nessa desses caras, nem precisa mais me chamar de Cabecinha. Falado?

MARISA: Não, não Cabeça. Acredita em mim. Eu nem vi o resto da festa, porque eu tava de porre. Vamos revelar os negativos da lata de lixo?

CABECINHA: Agora não tô com vontade, tô pintando.

MARISA: Você tá numa onda bem criativa, hein?

CABECINHA: É. Tô numa boa.

MARISA: Quando você se manda pra Alcântara?

CABECINHA: Acho que a semana que vem. Só tô esperando o resultado da campanha, pra pedir as contas ao Gomes...

MARISA: E quem vai ficar no teu lugar?

CABECINHA: Ele que se vire.

MARISA: Você não tem pena dele?

CABECINHA: Tenho pena de mim, que sou um explorado nesta empresa. Tenho pena dos meus quadrinhos, que eu não pinto há um século. Pena da viagem a Londres que eu não fiz. Da estória em quadrinhos que eu não escrevi. Disto que eu tenho pena. Mas agora, fico um ano na Alcântara, junto uma nota brava – o dobro do que eu ganho aqui! – e pago tudo que eu devo, e vendo tudo o que eu tenho e me pico pra Londres. Com você.

MARISA: Jura que me leva? Mas e lá, eu faço o quê? Eu não sei falar inglês. E o meu curso de comunicações? E a minha carreira de publicitária, Cabecinha?

CABECINHA: Eu te sustento. Você aprende inglês por lá mesmo. E faz um curso de propaganda lá. Por que tem que ser aqui? Por que fica mais perto das tuas origens? Mais perto da Penha? Larga de ser boba.

MARISA: Eu tenho medo de ir pra Londres.

CABECINHA: Medo de quê?

MARISA: Eu acho que desengrena tudo. Agora que eu tava começando a conseguir um nominho nesta panela, e de repente a gente some pra Londres...

CABECINHA: Quem tem talento, tem aqui ou na casa do cacete.

MARISA: Mas eu não sei inglês?

CABECINHA: Pô, você tá mais é com medo de ficar sem o Nildo pra te paparicar, te ensinar as coisas, não é?

MARISA: Não. O Nildo pra mim nem existe mais. Se você visse a teoria dele a respeito das coisas, nem é bom falar. Cruz!

CABECINHA: Eu já conheço a dele. Negócio de não ter sentimentos tal e coisa, e que propaganda é a alma, os rins, os intestinos e os bofes de qualquer negócio... Isso ele fala pra justificar que ele falhou, boba. Ou não deu pra perceber?

MARISA: Deu. E isto é que foi trágico. Eu idealizava muito ele.

CABECINHA: No começo a gente idealizava todo mundo nesta profissão. Depois, passa.

MARISA: É todo mundo que nem o Nildo? Todo chefe de criação é assim?

CABECINHA: Não sei. Eu até hoje não conheci um redator bom caráter. Puta coincidência, né?

MARISA: E os diretores de arte?

CABECINHA: Esses são melhorzinhos.

MARISA: Ah, vai, você também com esse negócio de proteger o teu pessoal...

CABECINHA: Tô te gozando. Mas tem uns bons caráter por aí, sim. Tem que catar a dedo, mas tem.

MARISA: (*No laboratório fotográfico*) Cabeça, vou preparar o material pra gente revelar as latas de lixo, tá?

CABECINHA: Tá.

MARISA: Escuta, você não acha uma droga a campanha que a gente fez pra Cia. Progresso?

CABECINHA: (*Rindo*) Eu acho. (*Câmplice*) Você também acha? Que bom que a gente combina, hein? Comunhão de almas. (*Rindo muito*) Puxa, Marisa, mas tava uma droga.

MARISA: (*Rindo também*) Sei lá. Mas não dava mais tempo. Tinha que sair o que saísse.

CABECINHA: A gente tem que admitir que foi uma sacanagem com o Gomes.

MARISA: Nem fale. Não quero nem ver a cara dele se a campanha for recusada. E o Nandinho aí, então? Chiiiiiii! Vai ser o maior rebu!

(*Cabecinha no laboratório fotográfico, começa a ajeitar o resto do material*)

CABECINHA: Vou apagar a luz pra tirar o filme da máquina. Você fica ou sai?

MARISA: (*Amorosa*) Fico.

CABECINHA: Então, dá um beijo no teu noivo. (*Beijam-se. Cabecinha apaga a luz*) (*Nandinho QI entra*)

NANDINHO: Cadê esses caras? (*Bate na porta do laboratório fotográfico*) Nildo, Marisa, Cabecinha...

MARISA: (*De dentro*) Presente!

(*Cabecinha acende a luz. Ela está abotoando a blusa, rapidamente*)

CABECINHA: (*Saindo do laboratório*) Ô cara, diz aí. A campanha...

(*Nandinho faz sinal com o dedo, pra baixo*)

MARISA: (*Correndo até a sala*) Recusaram?

NANDINHO: É.

MARISA: E agora?

NANDINHO: Agora vai ser o caos.

MARISA: Mas conta direito, como é que foi?

CABECINHA: Cadê o Gomes?

NANDINHO: Foi direito pra Hípica, tomar um drinque com um *prospect*.

MARISA: Com um quê?

NANDINHO: *Prospect*, ignorante. Um cliente que estamos paquerando.

MARISA: De onde?

NANDINHO: Da Tecelagem Universo.

MARISA: A tecelagem do meu pai?

NANDINHO: Ué, seu pai tem uma fábrica? E por que você trabalha? Por esporte? Quer dizer que o seu pai é o cliente?

MARISA: Não irrita, seu chato. Meu pai foi operário, tecelão, desta firma. Manjou? E perdeu a vista lá.

NANDINHO: Desculpe. Pelo menos indenizaram seu pai?

MARISA: Problema nosso. Agora faz favor de contar o que o cliente alegou pra recusar a campanha.

NANDINHO: Alegou simplesmente que a campanha estava um abacaxi.

CABECINHA: Mas concretamente...

NANDINHO: Que não ia vender um só cigarro. Chega, ou precisa mais explicação?

CABECINHA: Você é contato pra quê? Sua função é "contatar" a gente com o cliente.

NANDINHO: Nem sei se eu sou contato mais. Parece que estamos todos no olho da rua.

MARISA: O pior é que esse chato tem razão, sempre.

NANDINHO: Alegaram que "Nirvana" era nome de tóxico. E que os anúncios estavam chochos. Que os *lay-outs* estavam

chochos. A abordagem era chocha. Enfim, uma chochice generalizada. E quem ganhou foi uma agência menor que essa.

CABECINHA: Esta hora estão comemorando lá! E nós aqui, nesse enterro. Bom, eu, por mim, vou mesmo pra Alcântara...

NANDINHO: E eu? Vou trabalhar com o meu sogro? Vou mandar minha mulher trabalhar?

MARISA: Que que tem? Manda ela trabalhar, ora. Acabou esse negócio de só homem dar duro e mulher ficar em casa, passando creminho nas celulites.

NANDINHO: Não. Na minha casa é diferente. Não tem esses modernismos.

*(Marisa e Cabecinha riem)*

CABECINHA: Sabe, Nandinho, não te importa se eu te fizer uma pergunta? Como foi que deu esse tal QI 150 no teu teste, hein? Você deu dinheiro pros caras do psicotécnico? Como é que foi. Conta essa história direito, conta...

NANDINHO: Deu que eu tenho uma inteligência anormal.

MARISA: Mas como?! *(Rindo)* Como?

NANDINHO: Deu,oras. Não é porque eu não falo igual a vocês, me visto igual a vocês, e não trabalho na criação, que eu sou burro, pô.

MARISA: *(Acariciando a cabeça de Nandinho)* Não, QI querido, ninguém tá te chamando de burro.

NANDINHO: *(Debochando)* Absolutamente. Eu é que escutei mal.

MARISA: Mas escuta, QI, por que é que você não trabalha com o teu sogro? Que que teu sogro tem mesmo?

NANDINHO: Uma firma de administração de imóveis. Não trabalho com ele porque não quero ser pau mandado de sogro.

CABECINHA: Putz, o cocô do cavalo do amigo do bandido. Se fosse pelo menos o cavalo... tudo nesse cara tem que ser medfocre. Até o sogro.

NANDINHO: Bom, né, medfocre, por medfocre, vocês também fizeram feio, meus filhos: a campanha tá lá no lixo do cliente. Não fui EU que bolei aqueles anúncios cretinos!

MARISA: Mas fez um *briefing* inteiramente cretino. Não ajudou a criação em nada.

NANDINHO: Nem dava pra ajudar. Vocês estão em crise.

CABECINHA: Pronto. A palavra mágica. CRISE! Quem tá em crise aqui é o Nildo, viu, QIzinho, o Nildo? E ele empestou a gente. Foi isso. Pra você ter bem a medida de que eu e a Marisa não estamos em crise, eu vou pra Alcântara e ela vai comigo.

MARISA: Isto também não. O Alex não me chamou.

CABECINHA: Tou com prestígio com o cara. Vou lá e exijo você de redatora minha.

NANDINHO: Leva eu?

CABECINHA: Também não tenho TANTO prestígio, pra levar contato junto. Nesse caso, levo o Gomes também.

MARISA: *(Rindo)* Eles podiam ficar sócios!

NANDINHO: Vocês acham que o Alex, com aquela potência na mão, ia querer fazer sociedade com a falência? Por que? Se ele fosse pelo menos parente do Gomes...

MARISA: Sogro, por exemplo...

NANDINHO: A indireta serviu.

MARISA: Não entendo este QI, juro por Deus, não entendo: 150! Acho que só Einstein tinha um deste tamanho.

NANDINHO: Não é pra me gabar, mas eu tenho mesmo um senhor raciocínio rápido.

CABECINHA: Jamais vi esse raciocínio rápido. Mostra aí.

NANDINHO: Chega de brincadeira. Vamos discutir sério. Gente, a palavra pode estar um pouco... desgastada... mas ESTAMOS EM CRISE, porra!

MARISA: Olha aí: o Nandinho tá falando palavrão! Se o pessoal do Cursilho escuta, que vão dizer?

NANDINHO: O Cursilho também tem gente moderninha que nem vocês.

CABECINHA: E o Gomes? Tá todo estrepado, é? Como é que ele ficou?

NANDINHO: Nem gosto de lembrar a cara dele. Só faltou empurrar a mesa e jogar o cliente no chão.

MARISA: Do jeito que o Dr. Gomes é delicado, coitado. Eu tenho uma pena desse homem...

CABECINHA: Não tem que ter pena de patrão. Eu também tive, mas é uma doença que precisa passar logo, pô. Eu caso com uma mulher com mil defeitos. Mas pelega, capacha, não. Chega o saco do Nildo que você puxou até encher. Agora vem o Gomes também? Faliu, faliu! Nós nunca tivemos participação nos lucros desta empresa.

NANDINHO: Vocês deviam ter um pouco de consciência. O Gomes agüentou todas as neuroses de vocês. E eu sei com que sacrifício...

*(Cabecinha começa a jogar bola contra a parede)*

MARISA: Nandinho, você conhece bem o Gomes. O suicídio é do temperamento dele?

NANDINHO: Não. Ele é forte que nem uma rocha.

MARISA: Eu já vi contar de tanto caso de homem que vai a falência e se suicida...

NANDINHO: Ele não. Ele usa a violência de outro jeito, mas eu preferia não contar.

MARISA: Conta! Conta aí, vai... Eu morro de vontade de conhecer a alma de um empresário!

NANDINHO: *(Louco pra contar)* Você jura pra ele que eu não contei?

MARISA: Por tudo quanto é mais sagrado!

NANDINHO: Um dia, ele tava na Hípica paquerando a conta deste mesmo cara da tecelagem. Puxando o saco, claro. Mas até aí morreu Neves, porque todo dono de agência tem que puxar o saco do cliente. É fundamental...

CABECINHA: Não só os donos de agência, como os CONTATOS também, não é assim, Nandinho?

NANDINHO: Infelizmente, confesso que é.

MARISA: Mas fala, fala aí.

NANDINHO: Pois é. Ele tava na Hípica e o cara disse que tinha um cavalo doente. Na estrebaria. E que iam dar um tiro no cavalo, porque a doença do bicho era incurável mesmo e era uma maldade deixar ele morrendo aos poucos. O Gomes se mostrou penalizadíssimo e foi com o cliente até a estrebaria. Lá, ele pegou a navalha e perguntou ao cara se podia dar uma facada no coração do cavalo. O cara não entendeu, mas falou que era melhor dar tiro que o bicho sofria menos. Como o Gomes insistisse de um jeito esquisito, o cara acabou deixando. E o Gomes, minha filha, estraçalhou o cavalo, com a maior ferocidade do mundo!

MARISA: Por que? Que que o cavalo fez pra ele?

NANDINHO: Nada. Tô te dizendo. Ele também não regula. Como vocês, da criação. O fato é que ele é violento. Tomem cuidado, que ele acaba navalhando todo mundo um dia aqui.

MARISA: Que coisa absurda! Mas por que isso? Por que isso com o pobre animal?!

NANDINHO: O pior é que ele e o cliente acabaram morrendo de rir dos gritos do cavalo. E diz o cara, que o Gomes se bava todo de tanto que gostava da cena.

CABECINHA: Isto é verdade, QI? *(Sério)* Isto é verdade, ou é a tua imaginação fértil?

NANDINHO: É a pura verdade.

CABECINHA: QI, você percebeu que acabou de fazer uma das acusações mais sérias que se pode fazer a uma pessoa? Percebeu que acabou de acusar o Gomes de INSANIDADE MENTAL TOTAL? Se ele fez isso, temos que interná-lo hoje mesmo na Granja Julieta, pelo resto da vida.

NANDINHO: E o cliente? Vocês vão internar o cliente também? O cliente TAMBÉM gostou da cena. Gostou tanto que contou. Contou pra mim, que não tenho a menor intimidade com ele. Daf? Só dá louco neste mundo!

CABECINHA: E você diz que o Gomes é forte...

MARISA: *(Chorando outra vez)* Meu Deus, estou com enjôo de estômago... Que coisa pavorosa... *(Sai correndo ao banheiro. Nandinho abre a geladeira e pega uma coca-cola)*

NANDINHO: Esta menina é meio ingênuu, ou é fingimento?

CABECINHA: Não é problema de ingenuidade. Eu que sou eu, vivido feito puta de zona, que conheço a violência de cor e saltado... nunca vi contar um caso tão escabroso. O Gomes que eu conheço, é um sujeito que lutou anos e anos pra manter o negócio funcionando. Um cara que talvez seja o menos filho da puta dos patrões. Nunca puxei o saco dele porque não é do meu temperamento. Mas que eu acho ele um cara íntegro, eu achava. Essa que você me contou, prova não só que ele não é íntegro, como é louco. Louco no verdadeiro sentido da palavra.

NANDINHO: E qual o verdadeiro sentido da palavra?

CABECINHA: Usa o teu raciocínio rápido, seu fofoqueiro. *(Com ódio, pega o pincel, e olha para o teto, como se rezasse)* Que mundo cão... Mãe, dona Sofia, por que a senhora tinha que me parir nesta encarnação? Por que não esperou um pouco? Hein, mãe? Sacanagem a tua, hein? Se a senhora sabia que o mundo estava povoado de loucos e cavalicidas e paranóicos e falidos e Nildos e fotógrafos surubeiros e contatos retardados e clientes veados... e manequins que engravidam... por que? Ô, dona Sofia, puta mancada. Eu não queria, juro como eu não queria ter nascido nesta encarnação. Será que se eu tivesse acabado meu curso de arquitetura, ia ser diferente? Será que entre os arquitetos tem disso, hein, mãe? Por que tá tudo tão chato, tão podre, hein mãe? Ou a senhora não percebeu que tá podre? Dona Sofia, Dona Sofia, da Aclimação, a senhora pode desligar um minuto esta merda desta novela das nove, e me responder esta pergunta? EXISTE O SER HUMANO TAL COMO O CHARLES DARWIN DIZIA? AQUELE QUE DEIXOU DE SER MACACO A DURAS PENAS E SUBIU NA VIDA, ATÉ ATINGIR A CONSCIÊNCIA? Pergunta então a São Judas de quem a senhora é tão devota! Mãe, larga, desliga essa televisão e me responde: eu tô louco, mãe? Me dá um conselho, velha cretina. Vou pra Londres ou pra Alcântara? Será que na Alcântara se mata cavalos? Não é possível. O Alex parece tão equilibrado. Todo mundo na Alcântara é equilibrado. Eu devo estar sonhando.



Obrigado, dona Sofia. Obrigado pela iluminação. Pode ligar a sua Philips a cores de novo. Agora, o mocinho já beijou a mocinha. Foi só um capítulo que a senhora perdeu. *(Marisa volta do banheiro aos trambolhões e toma um Alka Seltzer. Nandinho QI asobia "A Montanha" de Roberto Carlos)*

MARISA: *(Tomando o Alka Seltzer)* E ele tinha orgasmos matando o bicho? Gostava, gozava... Nandinho, eu tenho medo dele.

NANDINHO: Não, acho que com gente ele não faz essas coisas. Só com bicho. Hoje eu pensei que ele fosse ter uma crise de violência desse tipo, quando o cliente recusou a campanha. Pensei cá com meus botões: chiii, os meninos estão fritos. Acho bom avisar pra eles nem ficarem na agência, que é capaz do Gomes HOJE entornar o caldo. Ele fica se controlando, controlando... um dia, a coisa explode. Mas ele foi direto pra Hípica...

MARISA: A HÍPICA? Então ele mata outro hoje!

NANDINHO: *(Rindo)* Não. É só uma coincidência. O cliente falou que ele podia ir, essa hora, tal. Parece que o cara tá tirando a conta da atual agência. Ele gosta paca do trabalho da gente aqui. Não sei como, mas enfim...

CABECINHA: É só tirar o Nildo e fica tudo ótimo aqui.

NANDINHO: E você, vai mesmo pra Alcântara?

CABECINHA: Agora mesmo, se pudesse. Ainda mais com essa do cavalo. Trabalho com o Gomes há tantos anos, e nunca na minha vida pensei que ele fosse tão doente.

NANDINHO: Chii, tem mais mistérios entre o céu e a Terra do que sonha nossa vã filosofia.

CABECINHA: E para de falar lugar comum um em cima do outro, tá legal? Chega. Tá na hora de contato ir dormir. "Já é hora de dormir, não espera mamãe mandar..." Vai saindo, vai QI... tenho que falar um troço com a Marisa.

NANDINHO: Não saio. Eu também tenho uma coisa pra falar com a Marisa.

CABECINHA: Então fala logo e desgruda daqui. Depois dessa que você me contou, não precisa falar uns bons tempos.

MARISA: Vocês não estão com pena do Gomes? Pelo menos por causa da loucura?

NANDINHO: Eu estou. Só o Cabecinha é que é frio como uma pedra de gelo. Pô, Cabecinha, o cara pagou teus Credicards, tuas manias, teus títulos protestados, tantos anos... e você não dá um descontinho pra ele?

CABECINHA: Primeiro, quem pagou minhas contas fui eu mesmo. Com o meu trabalho em cima desta prancheta. Segundo,

louco não tem desconto. Tem que internar. Além do mais, ele é louco de matar cavalo. Mas rasgar dinheiro ele não rasga, né?

NANDINHO: "É bebê, mamã na vaca cê não quer..."

CABECINHA: É, bebê *(Imitando ele com raiva)* É isso mesmo. Rasgar dinheiro ele não rasga, néééé?

MARISA: Eu não vou pra Alcântara. Eu vou ajudar o Gomes. Se ele pega esta conta da tecelagem, quem fica aqui pra fazer os anúncios, os filmes?

CABECINHA: Tem pilhas de pessoas querendo emprego aqui, sua tonta!

MARISA: Mas tem poucas com capacidade de trabalho que eu tenho.

CABECINHA: Então fica. Um dia ele te confunde com um cavalo, daí...

MARISA: Cabeça, telefona pro Alex e diz que você vai ficar pra ajudar o Gomes.

CABECINHA: Não endoia, Marisa. Pelo menos você, tá? E agora que eu vou me casar contigo, lembra uma coisa: pelo menos UM POUCO, eu mando em você.

NANDINHO: Isso, Cabecinha. Assim que se faz!

CABECINHA: Não pedi teu palpite, asno!

NANDINHO: Querem parar de me agredir, que eu não sou palmatória do mundo? Tenho culpa se o cara recusou a campanha de vocês, tenho?

MARISA: Não tem. Nandinho, diz o que você quer comigo.

NANDINHO: Quero te convidar, só você, para ir ao Cursilho comigo. Acho que você precisa. Anda muito confusa, muito nervosa, muito frágil... qualquer um te leva no papo.

CABECINHA: Cristo é melhor que o Nildo. Pode ir, que no Cursilho eu deixo.

MARISA: Nandinho, vai, sem essa. Eu lá tenho cara de Cursilho?

NANDINHO: Não tem, mas devia. Eu sei bem o que vocês armaram por aqui ontem. A Vera me contou.

CABECINHA: *(Interessado e voltando-se rapidamente)* O que aconteceu aqui, hein, Nandinho? Conta pro seu amigo.

NANDINHO: Não, eu não gosto de fofoca. Eu queria falar sobre isso, mas com a Marisa em particular...

MARISA: *(Morrendo de medo de Nandinho contar a estória do sexo grupal)* Nandinho, deixa que depois eu converso contigo, tá? Já sei. *(Enrolada)* É aquele problema da Vera, não é? Pode deixar...

NANDINHO: É o problema da Vera, o teu problema, e de

todas as meninas deslumbradinhas como vocês. Minha função é não deixar uma pessoa se perder, sem pelo menos aviso prévio.

CABECINHA: Fala, emissário de Cristo, fala aí que eu tô interessadíssimo nesta estória.

(*Marisa começa a chorar, Nandinho ameaça sair, mas Cabecinha segura-o pela camisa*)

CABECINHA: Não vai sair não, seu QI de merda. Vai contar o que aconteceu nesta agência, depois que eu saí pra ver a Suely bundinha, ontem. O que aconteceu? Bacanal, não foi?

NANDINHO: Eu não disse isto...

CABECINHA: Foi o quê? Sexo grupal?

NANDINHO: (*Apavorado*) Foi. Foi isso aí... sexo grupal.

CABECINHA: Ou seja: bacanal. (*Marisa chora loucamente. Nandinho tenta consolá-la*) (*Cabecinha está atônito, perplexo, olha para ela com nojo*)

NANDINHO: Marisa, não chora. Se ele for um cara compreensivo, se ele te entender de verdade, ele vai acabar sabendo que isto é uma crise que todo mundo passa... ele vai te entender... Eu tenho tanta pena de vocês, meninas. E a Vera, agora, ainda por cima; desempregada. Mas que eu posso fazer? Eu não sei o que vou fazer da minha vida... Só que eu tenho a minha fé. Isto é que me ajuda. A única coisa. Por isso que eu te chamei pra ir ao Cursinho. Pra respirar um ar mais puro: isto aqui, Marisa, isto aqui é o inferno, sabia? (*Com os olhos arregalados, falando sério e ingenuamente*).

MARISA: (*Chorando aos berros*) Cabecinha, deixa eu pelo menos te explicar?

CABECINHA: (*Contido, frio*) Não precisa, donzela da Penha. Não precisa explicar nada pra mim. Você nasceu mesmo pra viver com o Nildo. Vocês foram feitiños um pro outro. Eu é que sou trouxa, e não percebia. Mas agora, esta besta aí me chamou à consciência. (*Ri, abraça Marisa cinicamente*) CALMA, calma... Eu não vou te deixar não. Só que casamento não tem mais.

MARISA: Cabecinha... (*Mendigando*) Cabecinha... eu te amo, acredita em mim. Eu tinha que passar por esta, pra entender que eu te amo. Eu estava mesmo hipnotizada, levada, massacrada pelas idéias cretinas do Nildo. Só hoje é que eu fui entender até que ponto ele é podre. Cabecinha, eu tô tão confusa, me ajuda... não me deixa, tá? Prometo que vou com você pra Londres. Escrevo o texto da tua estória em quadrinhos. Juro por Deus.

NANDINHO: Cabecinha, perdoar é dever de todo humano.

CABECINHA: (*Com ódio, mas sempre cinicamente*) Isto, vamos cantar "A Montanha"? Vamos (*Nandinho leva a sério, e*

*empolgado, começa. Cabecinha acompanha e Marisa continua chorando*)

NANDINHO: "Obrigado Senhor, por este dia"...

CABECINHA: "Obrigado Senhor, pela esperança"...

OS DOIS: (*Como se ensaiassem*) "Obrigado, Senhor, agradeço, obrigado, senhor... Por mais que eu sofrá, obrigado Senhor, por mais que eu chore, obrigado Senhor, agradeço, obrigado Senhor. Por isso eu digo, obrigado Senhor, POR UM NOVO DIA, obrigado Senhor PELA ESPERANÇA, obrigado Senhor, agradeço, obrigado Senhor. (*Cantam um bom trecho até que Marisa começa a gritar*)

MARISA: Cabecinha! Você quer falar comigo direito? Pelo amor de Deus!

CABECINHA: (*Chacoalhando-a*) Vai ter crise histérica, é? Igual a Suely? Só que ela está grávida. Tá levando vantagem, no mundo das putas. Ela pelo menos tem um filho meu na barriga.

MARISA: Você nem sabe se é teu!

CABECINHA: E se você mostrar o teu exame de gravidez amanhã, quem pode garantir, que é meu? Hein? Deve ser do Nildo, ou do Vivi, ou do Léo, enfim, os machos da turminha da suruba. E você acha que eu vou botar o sobrenome de dona Sofia da Aclimação, aquela santa mulher, num cara que é fruto desse monte de espermas sem a menor dignidade? Não, boneca.

MARISA: Mas eu não tô grávida... eu nem cheguei a...

CABECINHA: Escuta (*Serriamente*) Tô falando sério: você não me deve nenhuma explicação, tá? Nenhuminha. Talvez o teu irmão Beto gostasse de saber o que aconteceu. Se você quiser, eu conto pra ele. Eu não...

MARISA: Beto me mata!

CABECINHA: Eu não conto. Mas pára de chorar, tá?

NANDINHO: (*Atendendo ao telefone*) Gomes? Sim é o Nando... Fala (*Sorri*) Que ótimo! Graças a Deus! Graças a Deus! (*Fica quieto*) Já falei com eles. Está havendo um probleminha. Precisamos fazer uma reunião para discutir, todos juntos, direitinho, com franqueza. Nildo não está aqui, não. (*Tapa a boca do telefone*) (*Para Cabecinha*) A conta é nossa! Tecelagem Univer-so! E cadê o Nildo? O Gomes quer falar com ele.

CABECINHA: Diz que o Nildo foi resolver o problema do desquite.

NANDINHO: Gomes? O Nildo foi até a casa dele. Tá desquitando, parece que... Pera aí. Cabecinha, ele quer falar com você.

CABECINHA: (*Ao telefone*) Sim, Gomes. Manda lá. Ganhou a conta. Ótimo, sei... Precisamos conversar... Eu acho que

vou pra Alcântara. Não, não, pra urgência dessa campanha nova, o senhor chama um *free-lancer*... É... não, pra mim não dá... A Marisa e o Nildo? Tudo em paz. Eles ficam. Eu posso até ver um amigo meu, diretor de arte, pra quebrar o galho pro senhor... Não, não insiste, tá? Eu vou pra Alcântara. *(Longa pausa)* Não é problema de dinheiro *(Pausa)* 15 milhas. Como? Me dá vinte? Tá louco? Não é o senhor que tá falindo? Como que vai me dar um salário de vinte? *(Pausa)* Vamos ver. Espero o senhor chegar, a gente acerta. Vamos ver... Parabéns, doutor... Abrace o cliente por mim. *(Desliga)* Esqueci de perguntar quantos cavalos ele já matou hoje.

NANDINHO: *(Louco de alegria)* Graças a Deus!

MARISA: Viu, Cabecinha, nem tudo tá tão ruim... ganhamos uma conta nova...

*(Cabecinha olha-a com desprezo)*

CABECINHA: É. Ganhamos uma conta nova. Agora, eu tenho uma oferta de vinte milhos por mês. Pra continuar aqui... *(Olhos num ponto fixo, Cabecinha não vê Nandinho nem Marisa se abraçarem fraternalmente, comemorando a conta nova. Toca "A Montanha", agora com a gravação de Roberto Carlos, o coro e tudo o mais)*

FIM DO 2º ATO

3º ATO

*(A luz acende e toca um jazz rápido e compassadinho. A cena está muda; stands da "Tecelagem Progresso", spots acesos, pilhas de tecidos falsamente em desordem, tudo preparado para uma foto. Marisa maquiadíssima; com um vestido de voile transparente, peruca loira. Longa, posa sensual e distante; Cabecinha regula a máquina)*

CABECINHA: Relaxa um pouco. Tá parecendo um espan-talho. Depois a gente retoma.

MARISA: *(Relaxando, ao lado dele, roça-lhe o cabelo)* *(Vê-se que ele mudou de atitude com ela. É frio e debochado)* Cabeça, pô... não tinha mesmo outra pessoa pra posar? Eu não sou maneca. Sou redatora...

CABECINHA: Tinha. Tinha a Suely. Era a única que eu podia trazer pra cá, com a urgência que a gente tem de preparar essas fotos. Mas a Suely tá em casa, curtindo o aborto dela. Toda inchada e de mau humor. Além do que, a gravidez acrescentou pelo menos uns quatro quilos nela. Daí não dá. Tem que ser magrinha,

MARISA: *(Enquanto ele continua regulando máquina e fo-co, depois ajeitando os tecidos, cuidadosamente)* Ela sofreu muito por ter que tirar?

CABECINHA: Sei lá se puta sofre.

MARISA: Puxa, Cabeça, você é desumano paca, hein? Ou é indireta pra mim?

CABECINHA: Não recomeça. Vai, sobe lá e fica toda enlanguescida em cima desta pilha de tecidos.

MARISA: (*Obedecendo*) Assim?

CABECINHA: Eu disse enlanguescida. Isto af é enlanguescida? Como se você estivesse sentindo a maior tesão do mundo por alguém...

MARISA: Por você, por exemplo...

CABECINHA: Ou o Vivi,... qualquer um... enlanguesce af.

MARISA: (*Acertando a pose*) Pronto!

CABECINHA: (*Tirando a foto*) Do outro lado. (*Ela fica*) Isso! (*Tira outra foto*) Agora vira de costas (*Tira*) Olha pra mim como se me acusasse. Bem agressiva. Bem decidida. Mulher moderna. Liberada... (*Ela acerta a expressão*) Assim! Você tem mais bossa que a Suely!

MARISA: Será que eu vou sair bonita?

CABECINHA: Vai. E a técnica do papai aqui, onde fica? Até a minha avó fica bonita se eu a fotografar.

MARISA: Cabeça, você continua de mal comigo?

CABECINHA: (*Mudando de lugar o stand*) Quem disse que eu tô de mal?

MARISA: Você nunca mais falou em casamento. Em ir pra Londres. Nada...

CABECINHA: Nem vou falar. Vai até aquela porta e ergue a perna um pouco, como se estivesse querendo correr.

MARISA: (*Indo até a porta*) Assim?

CABECINHA: (*Diante da pose ridícula*) Ah, ah, ah, assim parece uma cadeinha fazendo pipi.

MARISA: (*Tentando*) Assim?

CABECINHA: (*Entortando e desentortando o corpo dela, que, mole, deixa manejar-se*) Assim! Agora levanta, sutilmente a perna. (*Ela levanta*) Issooooo! (*Corre até a máquina e tira a foto*)

MARISA: Posso tomar um lanjal?

CABECINHA: Pode. Dez minutos.

MARISA: (*Tirando o lanjal da geladeira*) Cabecinha, você não tem o direito de fazer isso comigo.

CABECINHA: Isso o que, santo Deus?

MARISA: Isso que você tá fazendo. Este desprezo.

CABECINHA: Não tenho feito amor regularmente? Esta semana toda, quem foi que dormiu no teu apartamento?

MARISA: Você. Mas puxa, parece que você... sei lá, que você não tem amor por mim. É como se você só tivesse... atração física.

CABECINHA: Atração ff-si-ca! Uma publicitária com todos os futuros do mundo, dizendo este tipo de frase!

MARISA: (*Irritada*) Eu quero falar sério. Você disse que casava comigo.

CABECINHA: E como disse, deixei de dizer.

MARISA: Você tem amor por mim?

CABECINHA: Tenho que acabar estas fotos, estes *layouts*, tudo pra hoje, às seis horas. Tô com muita pressa.

MARISA: Por que você aceitou ficar aqui?

CABECINHA: Pra ajudar o Gomes, nesta ÚLTIMA campanha que eu faço pra ele. (*Depositando a máquina no chão, apagando os spots, pondo uísque no copo com gelo*) (*Serve-a gentil e friamente*) Um uísquinho, moça?

MARISA: Aceito. (*Pega o copo*) Assim que moça fina bebe? (*Toma o uísque em pequenos goles*) (*Tudo nela mudou: é mais fina, mais feminina, mais "manequim"*)

CABECINHA: É, assim que maneca bebe. Com classe. (*Desliga o jazz*) Você tem feito progressos. Está cada vez mais civilizada.

MARISA: Sabe, meu bem, eu acho que você está falando comigo cada dia mais distante.

CABECINHA: Você acha, anjo?

MARISA: Está me tratando como qualquer uma das tuas manequins.

CABECINHA: Mas você é uma das minhas manequins. A predileta... não chega?

MARISA: Eu sou redatora. Vou até receber aumento do Gomes, se tudo der certo. De qualquer maneira, como a crise passou... ufa, graças a Deus, que passou... aprovando ou não esta campanha, a gente tem a conta garantida. Quer dizer: nossos salários estão em paz. Não é ótimo?

CABECINHA: Maravilhoso.

MARISA: Mas eu não te entendo, Cabeça... (*Marisa caminha, agora com passos lentos, elegantes, pausados*) Você jurava que não ficava nem um minuto mais aqui... depois, foi só o Gomes te passar a cantada e você acabou aceitando! Não era você que não tinha pena de patrão? Ainda mais um patrão louco que mata cavalos, sei lá...

CABECINHA: *Business, my love!*

MARISA: E o Alex, onde fica nessa?

CABECINHA: Prometeu que esperaria mais quinze dias, até eu concluir a campanha que vai tirar o Gomes da lama.

MARISA: (*Após uma pausa*) E você... vai me levar pra lá?

CABECINHA: Pra que, se você agora é quase chefe criação aqui? O Gomes me disse que conforme fosse o andamento das contas novas que ele tá paquerando, e devido ao sucesso

que esta PARECE que vai ter, então ele não só te aumentava... como ainda ia te separar do Nildo, porque vocês não estão se dando mais tão bem.

MARISA: Nem um pouco bem. Muito mal aliás... *(Sorri)*  
*(Nildo entra, com um ar cansado, mas sério, digno. Traz papéis sob o braço e alguns livros)*

NILDO: Cabeça, como vão as coisas aí com as fotos. Tudo bom?

CABECINHA: Hum, hum...

MARISA: Que textos você está fazendo?

NILDO: Os dos tecidos mais leves. Você fez mais? *(Tudo entre eles é normal)*

MARISA: Os de lã e lingerie... Mas logo Cabeça me pegou pra posar e tive que interromper.

NILDO: Não tem galho. Tem tempo... Às seis, né Cabeça, que eles vão levar a campanha pro cliente?

CABECINHA: Exatamente.

MARISA: Gentê, que coisa engraçada... a gente levou nove dias pra fazer aquele abacaxi da campanha de cigarros. Sete pra fazer a de eletrodomésticos. Esta foi tão fácil, não é?

CABECINHA: É porque a gente já sabia que a conta estava tomada. E tava tudo em paz. Gomes aliviou a tensão. E o Nandinho QI saiu do pé da gente.

NILDO: Saiu até certo ponto... *(Sorri, também formalmente, complicitamente)*

MARISA: Contato é assim mesmo, em toda parte...

NILDO: Ainda bem que aprendeu a distinguir as coisas, filha... *(Sai com os textos, mas antes diz, friamente)* Vou consertar uns dois ou três textinhos que estão meio sem ritmo.

MARISA: Esse agora deu de me sacanear, mesmo. Você viu a indireta? Tá querendo dizer que vai modificar os MEUS textos, claro...

CABECINHA: Você algum dia achou que ele era bonzinho, boneca?

MARISA: Não agüento mais o teu cinismo, Cabeça. A gente tem que conversar uma porção de coisas.

CABECINHA: Começa.

MARISA: Por exemplo, teus planos de ir para Londres. Pensa que é assim? Me faz acreditar que a gente vai pra Londres, e tal e depois nem toca mais no assunto?

CABECINHA: Por enquanto estou concluindo esta campanha. Depois eu vou pra Alcântara. Depois vou pagar as minhas dívidas e vou vender o meu carango. E depois, só depois, daqui

um ano, o tempo da prestação acabar, é que eu vou começar a pensar na vida.

MARISA: Mas e eu?

CABECINHA: Você o que? Nasceu grudada em mim?

MARISA: Cabecinha, você nunca perdeu aquela noite, não é mesmo?

CABECINHA: Nem sei. Acho que o choque foi tão grande, que me tirou o ânimo de você. Mas eu preferia não mexer com assuntos nossos, senão embanana tudo outra vez por aqui. Falado?

MARISA: O Nildo andou te envenenando contra mim?

CABECINHA: Eu mal falo com o Nildo. Ele agora tá me puxando o saco, porque sabe que eu tô com prestígio com o Gomes e ele tá com a corda no pescoço.

MARISA: Vai ser demitido?

CABECINHA: Ouvi uns buchichos. O Nandinho foi quem me disse.

MARISA: E você vai na conversa deste débil... Ele só sabe fazer fofoca.

CABECINHA: Ouvi o próprio Gomes dizer, se você quer saber. Mas como ele não sabe ainda até que ponto realmente é você quem dá duro, ele quer esperar o resultado desta campanha. Dependendo, ele dispensa o Nildo. E você fica chefe disto aqui. Ele vai chamar um amigo meu pro meu lugar, pra fazer dupla com você.

MARISA: Mas eu me acostumei a trabalhar com você.

CABECINHA: Paciência. *Business, business.*

MARISA: E se eu levasse meus anúncios pro Alex?

CABECINHA: Ele não topou eu te levar comigo. Nem adianta você ir pedir emprego lá, porque não tem lugar pra redator. O quadro está completo.

MARISA: Cabecinha, Cabecinha, tá havendo alguma coisa que você não quer me dizer. Não sei, eu tô sentindo tudo tão frio de repente. Todos vocês estão me tratando de um jeito tão esquisito... Que foi que eu fiz? Não tenho trabalhado direito? Não tô dando o sangue por isto aqui? Não agi corretamente com o Gomes? Fui eu quem pedi que o Nildo fosse demitido? Por que, por que, santo Deus... *(Chora)* Por que tá tudo tão estranho? Até a Vera tá estranha...

CABECINHA: Vai sair a maquiagem que levaram cinco horas pra te fazer, você é ou não profissional? E este negócio de a Vera não estar falando com você, é a mania de perseguição que você anda. *(Cabecinha levanta e põe o casaco nos ombros)* Vou até o bar tomar um conhaque forte. Se agüenta aí.

MARISA: Eu vou com você.

CABECINHA: Então vamos. Só que o bar vai desbundar de você aparecer nua deste jeito.

MARISA: Ah, é... Eu ponho um casaco. *(Meiga)* Esqueci que você tinha ciúme...

CABECINHA: *(Rindo)* Ciúme? Eu? Não, boneca. Eu não quero é puxar briga com aqueles troncudos do boteco. Se quiser ir, vai. É ótimo. Você chama bastante atenção, como gosta. Quem sabe arranja uns clientes por lá.

MARISA: Cliente do quê?

CABECINHA: *(Brincando)* Quem sabe... uns michêzinhos...

MARISA: *(Ofendida)* Quer parar de me agredir? Não gostei da brincadeira.

CABECINHA: *(Saindo)* Menina, acho bom a gente conversar direitinho... uma porção de coisas.

MARISA: Fala agora...

CABECINHA: É, acho que você tá esperando muita coisa de mim. Eu preciso ser honesto contigo. Arranjei outra namorada... uma menina que mora perto da minha casa, filha de uma amiga de minha mãe. Estudante... outro papo. Tô a fim de levar uma transa séria com ela. E você pra mim é só negócio de cama. Falado? Não esquenta essa cuquinha com grandes ilusões a meu respeito, que a coisa mudou. *(Sai)* *(Marisa está atônita. Profundamente ferida. Olha no espelho e conserta o cílio depois começa a andar aflitadamente pela sala falando sozinha; murmurando, como se ensaiasse o que vai dizer a Cabecinha quando ele voltar)*

MARISA: Olha, Cabecinha, eu acho que você está sendo tremendamente moralista comigo. Todo mundo tem um deslize um dia na vida. Quantos canos teus eu levei nessa vida, e nunca reclamei? Eu te esperei sete anos! Aquela noite... aquele tal sexo grupal... eu sequer participei com gosto, juro por Deus! Dá um desconto. Eu sei que você me ama. Vamos começar de novo, hein? Tudo a limpo? *(Golada no uísque)* *(Retoca o cílio)* Quem diria, velho Joca, quem diria! Tua filha, tão fina! *(Exibe o vestido)* Pena que você não enxerga direito, pai. Podia ver como eu tô bonita, agora. Olha, eu vou ser aumentada. Vou dar uma puta festa aí nessa sua casinha. *(Outra golada)* Vamos jogar fora tudo o que é velho: armário, fogão, tudo! E você, mãe? Não, você não vai mais gastar as mãos nesse tanque. A gente contrata uma lavadeira. E compra uma Brastemp. Os móveis? Tudo da Mobilfina!! E uma TV Philips a cores, Joca, a cores! Você vai ver TV o dia inteiro, palavra de Marisa, a trabuqueira. *(Outra golada)* Você, mãe, vai fazer maquiagem no salão, e arrumar o cabelo...

toda semana... não, todo dia! E a Marisa aqui vai pagar a CAIXA ECONÔMICA FEDERAL! *(Pomposa)* Ah, se vai! *(Bêbada já)* Que obsessão essa Caixa, né, velho Joca? *Por que te humilharam tanto nessa vida, por quê?* Você aí pagando essa Caixa, vendo a mamãe botar comida em casa, você agüentando o Beto reclamar de tudo, você cego, pagando a Caixa... pagando a Caixa... e até hoje, a casa não é sua! *(Sai da amargura em que entrou de repente e se ergue em histérica e bêbada euforia)* Mas eu juro, juro, que você AGORA vai ser PROPRIETÁRIO! Promessa é DIVÍDA! E as minhas eu pago à vista, agora! À VISTA *(Outra sombra lhe passa pelo rosto à palavra "vista")* *(Pausa)* Lembra, Cabeça, quando te conheci?... *(Golada)* A gente foi ao cinema... depois à festa do Bibó... depois você pegou na minha mão... semana seguinte me beijou... depois, na outra semana, beijou de língua... Eu nunca tinha beijado de língua! E depois... *(Pudor)* na escada do escritório... *(Recompõe a cena)* Não, Cabecinha, eu sou virgem, não... *(outra golada)* *(Cantarola bêbada inteiramente)* "Os anjos descendo, descendo do céu..." ...Não conta para ninguém, Ju, mas eu tô grávida. Tenho que fazer um aborto... Cabecinha, um aborto, eu! *(Cantarola)* "Os anjos descendo... descendo do céu... trazendo na cinta as cores do céu... Ave Ave, Ave Maria..." *(Pára em pânico)* Não me bate, Beto, não! O Cabecinha vai casar comigo, sim, ele que me desvirginou, ele é honrado, ele casa, ele casa, sim! *(Pausa)* Na escada do teu escritório... Tanto tempo eu esperei este casamento... sem ser virgem... o bairro inteiro me olhando enviezado... O Beto me cobrando todo dia: "E aí, cabecinho, e aí? Cadê a grinalda, hein?" *(Bate na cabeça)* "Don't blow... it...with drugs" ...Ic...Ic...Ic... *(Cambaleia)* Blow up...re-view board.. brain storm... eu vou aprender inglês...

Yes, Gomes, está furada a mídia, está furado o marketing e o planejamento. *(Pose de executiva - pateticamente se equilibrando com a garrafa)* Vende para as Pernambucanas, Gomes, Credário Tentação... perder de VISTA... de vista... O povo compra à prestação... a Caixa... Perdão, papai, perdão Cabecinha, perdão Beto, perdão, mamãe... Cabeça, casa comigo. Eu te ajudo a escrever tua estória em quadrinhos. Eu termino a escola de comunicações. Eu viro uma moça culta... "SEMILOGIA"... "SIGNO"...SINAIS e também... eu... eu ganho muito dinheiro... QWERT... QWERT... *(Datilografa bêbada)* Prezado senhor, venho por meio desta... Ju, você tá na SAMBRA ganhando quanto?? Nãooooo! Jura??? Por Deus??? Aceita senhor Haroldo Rodrigues Teixeira como seu legítimo esposo? *(Pose de casamento)* QWERT... Venho por meio desta dizer ao senhor padre que sim, aceito... Aceita? Esse pano? *(Sombra no rosto)* Este pano... *(Pega*

o vestido) Pai... este pano é aquele que você teceu toda a sua vida... na Tecelagem Universal... *Universal! (Soletra)* quarenta anos... tecendo o pano... do meu vestido... de noiva... *(Cai no chão) (Recita já totalmente bêbada, para a platéia)* "Vê? Ninguém assistiu ao formidável enterro da tua última quimera... somente a solidão, esta pantera, foi tua companheira inseparável... Acostuma-te à lama... que te espera... o homem que nesta terra miserável vive entre feras, sente inevitável necessidade de também ser fera... Toma teu fósforo... Acende teu cigarro. O beijo, amigo, é a véspera do escarro. A mão que te afaga é a mesma que apedreja." *(Cai ao chão balbuciando)* Brain... Cabeça... Storm... Tempestade... Cabecinha... a tempestade... a tempestade, Cabecinha... *(Cai)*

*(Cabecinha entra e corre até ela, ergue-a nos braços, entre apiedado e preocupado)*

CABECINHA: Pára com isso... e se chega alguém aqui? Porra, você fica desempregada, Marisa... *(Ela faz gesto de ânsia de vômito)* Vem, vamos pro banheiro já, já... *(Ela vomita ali mesmo)* Nos tecidos! O Nandinho vai encher o saco. Vamos ter que repor esses tecidos! *(Pausa longa. Ele parece perceber que ela não está em condições de raciocinar. Penalizado, abraça-a)* Minha menina, minha menina... *(Beija-lhe os ombros nus)* O que eu gostava em você era a tua ingenuidade... o teu mistério... *(Ficam de costas para o público) (Ele unha o ombro dela)*... a tua pureza... o teu pudor... mas agora, sua vagabunda...

MARISA: Bate em mim, Cabecinha, eu preciso apanhar para aprender, não é isso mesmo? *(Ele esbofeteia-a e depois beijando o rosto fraternalmente)*

MARISA: Você... ic... você,... ic... você me ama... ama!

CABECINHA: Amo! Amo você, sua vagabunda, você que quis subir na vida sem fazer força, que fez média com o Nildo, com o Gomes, você que desperdiça o teu talento, que fez bacanal com o Vivi, o Léo, esses indecentes... *(Abraçam-se furiosamente, ele a beija na boca. Afasta-se dela, começa a limpar o chão onde ela vomitara. Chora. Ela, ergue-se envolta nos tecidos e cambaleia, tentando posar)* Olha o trapo que você virou, olha aí... *(Ri)*

MARISA: *(Rindo)* E você? Você também virou um trapo, amor... *(Rindo)* No meu tempo, você pintava cada quadro bonito... *(Finge pintar com as mãos no ar)* Cadê teus quadros? Cadê tua rebeldia? Cadê tudo? Cabooooooooo, que nem diz o Nildo. *(Pega a bolinha)* Joga... toma... *(Ele soluça)* "Ordem, seu lugar..."

CABECINHA: Cadê os meus quadros... cadê você... Sabe

Marisa, um dia eu viajei de ácido? Você já viajou de ácido? Pode contar, eu não fico bravo.

MARISA: *(Negando com a cabeça)* Não tive coragem. Eu tinha medo de ficar louca.

CABECINHA: Eu viajei e te vi. Você tinha um rio no rosto. É, um rio, assim correndo... uma rede fluvial... foi engraçado... eu vi você no sofá da tua casa... depois eu vi você esverdeada, como quem já morreu. *(Ri)* Já morreu e não sabe! Puxa, naquela viagem... às vezes era tudo colorido, às vezes tudo fundo, que nem um abismo. Eu vi *(Olhos estatelados, descobrindo)* Eu vi meu pai, minha mãe, teu pai, tua mãe, o professor de resistência dos materiais, a Miss Clair, o Gomes, o Nildo... todos eles esverdeados... assim... em decomposição... depois eu vi esqueletos brilhando, a sala estava escura... e voltava você, rindo na festa do Bibó... o dia que peguei no teu seio... não pensa que eu esqueci, não pensa que só você ficou marcada. O amor marca, o amor... *(Soletra)* A-m-o-r... m-a-r-c-a... eu te amo, sim, eu vou te perdoar e vou casar com você...

*(Enrola-a como uma criança nos tecidos, suavemente. Deposita-a no sofá, ela tem uma expressão beatífica, frágil)*

CABECINHA: Vamos pra Londres.

MARISA: Pra Londres. Ver o Big-Ben!

CABECINHA: *(Abrindo o tecido e beijando-lhe delicadamente o colo)* Eu vou pintar... Vamos fazer uma estória em quadrinhos de sacudir o mundo! Onde a Mary Marvel é guerrilheira e o Super-Homem é tuberculoso e alcóolatra...

MARISA: Com baloon e tudo!

CABECINHA: Vamos escrever, pintar, dizer coisas. Sem salário. Sem salário. Sem patrão. Sem cliente! Vamos botar a boca no mundo!

MARISA: *(Imitando índio)* UUUUUUUUUU!

CABECINHA: Vamos ser felizes. Combinado? Abaixo a fossa!

MARISA: "Viver é lutar"...

CABECINHA: "Viver é lutar"...

MARISA: Jucapirama! Aprendi no ginásio. Sou forte,... sou brava... guerreiros...!

CABECINHA: Tem uma luz diferente em você...

MARISA: É a luz do spot.

CABECINHA: Não, é uma luz diferente...

MARISA: Ic... uma aura que nem Santa Izildinha, milagrosa.

CABECINHA: Uma luz diferente... *(Mostra o rosto, zona*

por zona, delicadamente) Você está cheia de luz. Você é bonita... (Sorri)

MARISA: Vamos... comprar as passagens,... quando eles voltarem, não encontrarão mais a gente.

CABECINHA: (Beijando-lhe furiosamente o colo) Por que você tinha que se vender tão barato?

MARISA: (Gritando) E por que você tinha que ser tão moralista?

CABECINHA: Por causa deles... por causa do meu pai, do Beto, do Mackenzie, da TV Globo, do colégio primário, secundário, das revistas em quadrinhos, de São Judas Tadeu dos anúncios, dos supermercados, das butikues, do dinheiro, do lucro, da seleção brasileira de futebol, por causa deste mundo burguês, esse mundo caipira, esse mundo cheio de dignidade, esse honrado mundo velho... (Continua beijando-a e falando quase num resmungo)

MARISA: (Rindo) Que a TV Globo fez pra vocês terem essa raiva dela?

CABECINHA: Está vendendo amor em lata, como goiabada.

MARISA: O amor...

CABECINHA: O amor, sim, minha vagabundinha da Peha, o amor...

MARISA: Na tua viagem de ácido eu tava morta, mortinha da silva?

CABECINHA: Mortinha.

MARISA: Credo, e eu estava feia?

CABECINHA: Não, estava morta, só.

MARISA: E agora, você me vê morta ou viva?

CABECINHA: Te vejo com uma luz diferente...

MARISA: Vai ver que eu já morri... Que a gente faz pra viver? Hein, Cabecinha?

CABECINHA: (Eufórico, discursivo, mergulhado debaixo dos tecidos) Tem que matar os mortos. Incendiar os cemitérios. Roer todos os ossos desse mundo honrado e inútil, cheio de objetos, de coisas, de lataria, de pecado e medo. Tem que dinamitar o medo. Tem que fuzilar todas as pessoas que têm medo.

MARISA: Então tem que matar o mundo todo?

CABECINHA: Começar de novo... arrancar as fantasias... destruir os supermercados todos...

MARISA: Tem é que fazer amor...

CABECINHA: Muito, muito amor, amor que nem aquele tempo, que nem na escada do meu escritório, que nem no primeiro dia.

(A luz apaga, irrompe "pour Elise". Pausa longa. Um slide mostra um cavalo ensangüentado, caído no chão. Após a pausa, entram Nandinho QI e Gomes agitadíssimos; A cena está outra vez arrumada, como no começo da peça, sem spots, sem stands e sem Cabecinha e Marisa)

NANDINHO: Não entendo, Gomes não entendo como é que ele deu essa mancada.

GOMES: (Furioso) Como não? Você me disse que ele tinha autorizado a veiculação. Você me disse. E agora? Agora eu mando veicular esta droga toda, e o cara não tinha autorizado? Mas isto é... isto é a falência!

NANDINHO: Calma, Gomes, que falência. Não fala em falência, fecha essa boca.

GOMES: E não é? Se ele não me paga, como que eu pago a Abril? E a Globo? São 850 milhos que eu devo, ao todo, pra eles. E só do meu bolso, gastei 150 milhos pra produzir esta campanha!

NANDINHO: Eu vou conversar com o cliente. Deixa que eu me entendo com ele.

GOMES: Você se entende com ele... acho uma graça... se você se entendesse com ele, ele não tinha me dado esse cano de um bil!

NANDINHO: Não me chamo mais Fernando Santos se esse cara não te pagar o que deve!

GOMES: Não, fica quietinho aí, você quanto mais mexe, mais fede. Eu vou tentar conversar com ele. (Pausa) Bom, esse cara foi meu amigo, né? Já joguei tênis com ele, já montamos mil vezes naquela Hípica, já tomamos muito porre... já emprestei minha *garçonnière* pra ele. Alguma coisa tem que acontecer desta amizade toda. Ele não pensa que fica por isto mesmo, não. Me cancia, me deixa soterrado de dívida, depois tchau...

NANDINHO: Acho que ele não quer pagar porque achou a campanha imoral. Disse que a manequim estava praticamente nua, e isto atentava contra os costumes da família brasileira. Disse que a mulher dele achou o cúmulo da pornografia.

GOMES: E quando a gente levou a campanha pra ele aprovar, ele não achou nada disso, achou?

NANDINHO: Foi o que eu argumentei.

GOMES: Vai ver ele emburrou. Engraçadinho, emburrou porque a gente não deixou ele participar da produção das fotos e dos filmes, o que ele queria era comer as manecas. Deve ser isso.

NANDINHO: Com jeitinho, ele paga, Gomes, não é a primeira vez que acontece isso na propaganda.



GOMES: Pra mim você vem dizer? Eu passei a minha vida no meio desses caras. Lidando com a verba deles, os produtos deles, os mercados deles e as frescuras deles.

NANDINHO: Então não entendo por que essa fúria...

GOMES: Porque eu tenho um bi de dívidas, seu cretino, um bi! O que eu devo aos veículos e o que eu emprestei pra pagar a produção da campanha! Fora o que eu deixei de ganhar! Pra pagar a moçada aí. O leite das tuas crianças, entende?

NANDINHO: (*Pegando um úsque para Gomes e subser-viente entregando o copo na mão dele*) Toma, Gomes. Com a cabeça é que se pensa. Vamos raciocinar.

GOMES: Vê se arranja uma idéia brilhante aí que eu não sei mais o que fazer deste escritório.

NANDINHO: Os *prospects*... vamos examinar um por um.

GOMES: (*Com os pés sobre a mesa, desalentado*) Diga lá.

NANDINHO: (*Procurando uma pasta*) Achei. A lista tá aqui.

GOMES: Vamos ver, vamos ver uma continha que não seja nem da Thompson, nem da DPZ, nem da Alcântara, nem de ninguém, nem de Deus.

NANDINHO: Olha, *Soutiens* Mila...

GOMES: De quem é?

NANDINHO: De ninguém. O cara tem pouco dinheiro pra gastar com propaganda. É daqueles que pedem pra filha redigir o anúncio, pro sobrinho fazer o *lay-out* e quebra o galho com um amiguinho no jornal pra gastar um décimo de página... Amador.

GOMES: Pra que que eu quero essa conta? Pra dar dor de cabeça? Passa pra outra.

NANDINHO: Mas Gomes, depende de conversar... é aquele papo de que sem anunciar ele não vai conseguir agüentar a concorrência, tal e coisa... papo primário...

GOMES: Liga para ele e pede uma entrevista.

NANDINHO: Eu ligo daqui a pouco.

GOMES: Manda o resto.

NANDINHO: Chocolate Juju.

GOMES: Qual é a verba?

NANDINHO: Também é curta. E depende de acertar...

GOMES: Marca entrevista com ele.

NANDINHO: Pra já. Tem também a WALLITA.

GOMES: (*Rindo*) A Wallita é do Duailibi, retardado.

NANDINHO: Questão de paquerar. Você gosta daqueles anúncios. daqueles filmes horrorosos?

GOMES: Tá vendendo, não tá?

NANDINHO: Sei lá, saco. Deve estar.

GOMES: Então tá funcionando. Que você quer fazer lá na Wallita? Levar uma gozada do gerente de *marketing*?

NANDINHO: Sem esperança nesta vida não se faz nada. A gente tem que lutar.

GOMES: Gosto de você porque você é poeta, seu idiota. Esquece a Wallita.

NANDINHO: Gomes, e se a gente tentasse a Ford?

GOMES: Você está definitivamente louco, alienado, manfaco, tarado, alucinado, enfurecido. Tem que amarrar duas bolas de aço no teu pé!!!

NANDINHO: Você é desiludido. Deste jeito vai à falência mesmo. Você sabe que a Ford tá pra tirar a conta da Thompson? Sabe?

GOMES: Quem te disse isso? Teus amiguinhos colonistas de novo?

NANDINHO: Quer que eu tente?

GOMES: (*Após uma pausa*) É, acho que ouvi este papo, sim... acho que sim... Nandinho, vamos tentar... Ford... caminhões, né?

NANDINHO: Só caminhões. O resto está bem encaixado em outras agências. Mas os caminhões parecem que não estão muito bem.

GOMES: De vendas ou na Agência?

NANDINHO: NA AGÊNCIAAAAAA! Ou você pensa que eu sou mesmo retardado? Tou começando a me irritar, puxa...

GOMES: Você conhece alguém da Ford?

NANDINHO: Conheço. Deixa comigo. (*Anotando*) Chocolate Juju, Ford caminhões, *Soutiens* Mila... Ah, tem o xarope...

GOMES: É. Esse xarope São Tomás é um troço que me cheira bem. O cara até que gasta bastante: página inteira de manchete... Filme de 15 segundos na Globo... Não tá ruim de grana, o cara... Marca aí. Esse eu mesmo vou. Outra coisa, o cara da Ford, você só marca o papo e eu vou pessoalmente. Convida ele pra um coquetel aqui.

NANDINHO: Aqui? Tá louco? E se tua linda equipe de criação decide endoidar outra vez na frente do cara? Ele vai pensar que isto aqui é um acampamento *hippie*... Aliás... Gomes, não é por falar, mas você precisa pôr um pouco de ordem aqui. Que tal remanejar a equipe toda, agora que a gente tá num movimento de recuperação total?

GOMES: Marca o coquetel aqui. Faz de conta que estamos comemorando alguma coisa.

NANDINHO: Acho mais distinto você ir jantar com ele no Marcel, por exemplo.

GOMES: Os detalhes, depois a gente combina. Escuta, tive uma idéia. Pega a Marisa, manda ela no cabelereiro, no Lambert... Bota um vestido jóia nela... e vai com ela até a casa do Herman.

NANDINHO: O da tecelagem?

GOMES: Evidente, Nandinho. O Herman da tecelagem. (*Ir-ritado*) Que Herman podia ser, esta altura dos acontecimentos?

NANDINHO: Mas pra quê?

GOMES: Alguma coisa me diz que esse cara tem um tesão louco na Marisa. Tenta, na presença dela, convencer o cara a me pagar o que ele me deve.

NANDINHO: Você tá me pedindo pra vender a Marisa pra ele.

GOMES: Mais ou menos. Vamos ver se essa menina presta pra alguma coisa. Manda ela jogar todo o charme dela em cima dele.

NANDINHO: Me dói. Mas negócio é negócio.

GOMES: Depois marca a entrevista com os prospects.

NANDINHO: Tá OK.

GOMES: E agora me chama o Nildo, que eu vou demitir ele.

NANDINHO: Ahhh, que alívio. Vai fazer isto mesmo?

GOMES: Me dói, também. Mas vou ser obrigado. Negócio é negócio. E este negócio não está funcionando.

NANDINHO: E quem vem pro lugar dele? O Cabecinha indo para a Alcântara... A criação vai ficar acéfala.

GOMES: Tem pilhas de chefes de criação neste mundo. E diretor de arte é questão de pagar. A grana resolve tudo.

NANDINHO: Oferece 25 milhas pro Cabecinha que ele fica.

GOMES: Ele fica por vinte mesmo. Eu sei lidar com ele. O cara cai em qualquer chantagem sentimental.

NANDINHO: Não se iluda. Ele só gosta dele. E além do mais, faz um mês que ele tá meio esquisito, acho que não tá batendo bem, definitivamente. Não sei se foi o drama que ele teve com a menina, essa Marisa também vou te contar. Entrou aqui pra criar confusão... Mas desde a entrega da campanha da tecelagem que ele se fechou. Cada hora diz uma coisa. Acho até que ele nem vai mais pra Alcântara.

GOMES: Eu sei, ele disse que ia pra Londres.

NANDINHO: Pois é...

GOMES: Ele não vai a lugar nenhum. Vai ficar aqui. O Alex vai desistir dele. Eu vou falar pro Alex que ele é meio doi-

do. E que está com problemas existenciais gravíssimos, não está dando no couro...

NANDINHO: Não seria um pouco sórdido da nossa parte fazer uma coisa dessas?

GOMES: Bem, meu chapa, sórdido é o Herman que não me paga, o resto é poesia. Tá?

NANDINHO: (*Como se entoasse um hino*) "Sempre alegre, nas estradas do Brasil, vai em frente, meu valente caminhão, pra mim não tem igual eu sou..."

GOMES: Que é isso? Mais um louco aqui e não vai dá pra pagar o Gaiarsa!

NANDINHO: Um *jingle* da Ford, o dos caminhões: senão me engano, de 72. Até que não é ruim.

GOMES: Você sabe que com esse *jingle* a Ford vendeu caminhão pra centena de milhares de frota e pessoas? Sabe?

NANDINHO: Claro que sei.

GOMES: Então o *jingle* não só tá bom; como está ótimo. Bom seria se a gente aqui tivesse feito um troço bom assim, um dia. Faz cinquenta anos que isto aqui tá numa pior. No começo, pensei que a culpa fosse do atendimento. Que a culpa fosse até tua. Agora entendi: o negócio é o Nildo. Esse cara tem câncer no raciocínio. E tá passando a fossa dele até pras paredes.

NANDINHO: Vou falar com a Marisa, então. Me mando com ela pra casa do Herman. Me dá o endereço.

GOMES: Cata aí na caderneta (*Tira a caderneta do bolso e entrega-a, entediado, a Nandinho. Nandinho procura e anota*)

NANDINHO: Se eu fizer o cara pagar, que que eu ganho? (*Sorri*)

GOMES: Uma Bíblia nova, serve? (*Nandinho sai, entoando o hino dos caminhões. Gomes fica longo tempo fazendo contas. Bebe. Pega o telefone num repente*) Alô? Mara? O Nildo tá por aí? Então vai lá na Mídia, e manda ele vir pra cá, nesse momento. (*Desliga*) (*Após uma pausa entra Nildo*).

NILDO: (*Tentando fazer graça, faz continência*) O chefe chamou?

GOMES: (*Sério, circunspecto*) Senta, Nildo. Precisamos conversar.

NILDO: Nossa, que seriedade. Que dig-ni-da-de! Que foi?

GOMES: Foi que o Herman não quer pagar a veiculação da campanha. E nós não temos mais nada, fora uns caquinhos que você conhece muito bem. Foi também que os prospects que temos são da pior qualidade. Enfim estamos fritos.

NILDO: Diga lá: você quer que eu faça uma campanha de dois dias, pra gente ganhar a gillete? (*Gomes ri*) A Souza Cruz?

(Nildo ri, também pensando entrar num papo amigável com Gomes) Olha, podemos até tentar... Por que não a Coca-Cola?

GOMES: E arriscando um pouco, podemos tentar pegar a General Motors!

NILDO: Por que não? Como diria QI: a esperança, é a última que morre.

GOMES: Já morreu, filho. O negócio é mais simples: eu vou te demitir. Olha, isso me dói muito. Mas em negócio a gente tem que ser frio. Gélido. Uma geladeira mesmo. Você não tá funcionando, entende? E quando uma coisa falha, nesta máquina, a gente tem que substituir.

NILDO: (Sorrindo cínica e amargamente) Que nem Mo-  
dess: usa e joga fora.

GOMES: São as regras do jogo.

NILDO: Eu conheço bem estas regras, Gomes, conheço de cor. E o que é pior, gosto delas. Eu acho bonito o funcionamento da máquina. Essa coisa higiênica, essa coisa limpa e mecânica: demissão, admissão, carteira de trabalho, relógio de ponto, aposentadoria. Tudo tão cronometrado. Tão certinho. E essa pirâmide de poder! Não é lindo você depender dos clientes e os clientes dependerem do povo e o povo depender de ninguém? Não é lindo eu precisar de você e você também ter um dono? Eu acho justíssimo, justíssimo o sistema capitalista. Só ele contém o progresso. Só ele contém organização e limpeza! Ninguém pode acusar ninguém. Todos estão metidos até a medula do cabelo nesse pacto.

GOMES: Escuta filho, eu entendo tua amargura. Só que hoje, hoje que eu levei um cano de um bilhão de cruzeiros, não estou a fim de ouvir discursos. O problema do sistema capitalista é única e exclusivamente dos capitalistas. Meu, por exemplo... se é que eu AINDA posso me considerar capitalista depois de tudo isto. Tudo indica que eu fali...

NILDO: Não, não faliu, não. Você sempre dá um jeito. Por isso que eu te admiro. Quando a gente pensa que você vai cair, aí que você se ergue, digno, forte, poderosíssimo. Eu tô falando sério, Gomes. Eu tô falando sério... eu te admiro. Porque eu aprendi tudo o que eu sei com você. Ah, se eu tivesse essa sua fibra, esse seu cinismo. Eu faço uma força diária pra conseguir ser como você. Usar as pessoas na medida exata. Sorrir para os clientes, arrancar o dinheiro deles, chantagear as pessoas. Eu acho você um gênio. Um gênio!

GOMES: (Tentando manter a dignidade) Obrigado. Nildo, por favor, calma, com o fundo de garantia que você vai receber, dá pra...

NILDO: ...dá pra pagar o meu desquite, as minhas dívidas... o emprego não me falta.

GOMES: (Consolando-o, sorrindo) Claro. Você está atravessando uma crise. Acho até que é só você sair daqui, que você melhora... pode crer...

NILDO: (Após uma pausa, trêmulo humilde) Gomes...

GOMES: (De costas para Nildo, com os pés sobre a mesa outra vez, tentando ligar o telefone e não conseguindo) O que...

NILDO: Gomes, me dá uma chance...

GOMES: Nildo, por favor, não me põe numa situação chata... É melhor para nós dois.

NILDO: Gomes, a gente trabalhou mais de dez anos nessa trincheira. Juntos. Sempre juntos. No bom e no ruim. Na tempestade e na alegria.

GOMES: Eu tô quase chorando, Nildo. Puxa, que mau gosto da sua parte...

NILDO: Eu sempre te ajudei quando você precisou. Será que eu não mereço uma chance? A gente faz isto até com um cachorro.

GOMES: (Irritado, desesperado e patético) Pelo amor de Deus, quer parar de tentar me comover, cão-de-fila? Eu perdi todas as minhas contas, entende? TODAS! Em menos de cinco anos uma a uma, foram todas embora. O que eu faturava, nesta merdinha aqui, não era uma coisa normal. De repente, pumba! Baixou o azar. Você acha que é o quê? Santo? O baixo astral? Uma razão tem que ter. Alguém tem culpa.

NILDO: E por que eu?

GOMES: Quem então? As pessoas continuam comprando coisas. Você vai à feira, tá cheinho de mulher enchendo as sacolas de massa de tomate, bombril, coador de café. Você vai aos revendedores de automóvel, e sempre tem um filho da puta se entulhando em dívida até o último fio de cabelo, pra comprar pelo menos um Volks. E a Volks, é da Alcântara. Você vai às butiques, as mocinhas estão comprando *soutiens*, calcinhas, vestidos. Porra, todo mundo comprando tudo. Coisa de primeira, de segunda, terceira, décima necessidade... Nunca deu uma febre tão grande de consumir, neste povo, como agora! O salário mínimo agora é 350 cruzeiros. Puta merda, isto é uma fortuna! O operário já pode comprar, sim, pode. Pode comprar uma montanha de coisas. Feijão e arroz pelo menos, ele pode. E por que que eu não tenho a conta nem do arroz Brejeiro? Falta de paquerar, não foi. Até os camelôs da esquina estão vendendo seus alfinetes com a maior dignidade. O poder aquisitivo do povo continua crescendo. A classe média está cada vez menos média. E a burguesia nunca

esteve tão emplumada, tão cheia de requintes e necessidades na vida. Este país está atravessando um milagre econômico. Entende? E por que só eu não ganho nada nesse milagre? Então, o país é acometido de um milagre súbito, todo mundo produzindo, todo mundo vendendo, todo mundo comprando, o sistema creditício, inventando macetes que até o diabo duvida, e o Gomes aqui paradinho, falindo feito um idiota. Quer me explicar, quer me explicar, por que SÓ EU, euzinho da silva, não ganho nada com este milagre? Não põe a culpa no ministro da Fazenda! Assume que você é que encheu isto aqui de azar. Você e a tua IN-COMPE-TÊN-CIA!

NILDO: *(Dando uma gargalhada forçada)* Ah, Gomes, essa foi até boa! Quer dizer que a culpa é toda minha, então?

GOMES: É. Isso aí. A culpa é tua e das campanhas de mau gosto que saíram desta empresa durante dez anos. Desde que você entrou aqui!

NILDO: E nos cinco primeiros, destes dez malditos, você faturava como?

GOMES: Naquela época você não tinha entrado em depressão. Reconheço: desconta cinco, pronto.

NILDO: E o Cabecinha? E os outros diretores de arte que passaram por aqui, e só serviram para atordoar todo mundo?

GOMES: *(Irritado)* Então? Você, como chefe de criação, devia ter tido peito e autoridade pra mandar eles embora. Por que você não chamou o Odir Grecco, a Helga, o Clício Barroso, sei lá, alguns cobrões por aí, em vez de deixar virem os menininhos deslumbrados, sobre quem você podia pisar em cima o dia todo? Olha, não fosse a tua insegurança profissional, nós podíamos ter tido a melhor equipe de criação do país.

NILDO: E a Marisa? Quem foi que descobriu a Marisa?

GOMES: Nunca vi o tal talento dessa guria.

NILDO: Claro que sem mim ela não teria deslanchado. Mas ela é um puta talento!

GOMES: Vamos ver. Agora que você vai embora, vou dar uma chance a ela. Vai ficar como redatora-chefe, junto do Cabecinha. Se dentro de um mês as coisas não entrarem nos eixos, então eu mando ela embora.

NILDO: E o Cabecinha? Fica mesmo? Depois de toda as chantagens que ele te fez?

GOMES: Fica. Ele fica. Ele TEM talento. Tem sangue vivo dentro daquele corpinho, é porra-louca, é revoltado, mas dá no couro. Eu gosto dos lay-outs dele. Aquilo tem vida.

NILDO: *(Pensativo, agoniado)* Gomes... Escuta, vamos fazer um teste? Olha, você tá paquerando uma porção de contas novas...

GOMES: Estou.

NILDO: Então. Vai precisar de uma mãozinha, pra fazer tudo muito rápido e muito criativo. Como sempre. Deixa eu tentar... eu vou pegar a Marisa e vou descascar um por um dos abacaxis das campanhas novas. Se dentro deste mês a coisa não sair, aí você me demite.

GOMES: E a tua chance na Alcântara? Você não disse que tinha um chamado do Alex?

NILDO: Era mentira. O Cabecinha que tem esse chamado. Eu menti.

GOMES: Como você é rastejante, mentiroso... eu tenho nojo de você.

NILDO: *(Após uma pausa)* Você está trocando o certo pelo duvidoso. O Cabecinha ainda vai te deixar na mão.

GOMES: Deixa eu tentar. Tentei com você, anos a fio. E não deu certo. *(Nildo começa a soluçar. Gomes tenta não se tocar com a cena, continua ligando o telefone)* *(Consegue a ligação)* Alô, Lina. Sou eu, tudo bom. *(Friamente)* Sim, tudo em paz. Não, nada, não. Crises normais. Tudo entrando nos eixos. *(Pausa)* Esse menino... outro bode de ácido..., é... *(Bate na mesa, irritado, decepcionado)* Droga de vida! Eu vou pôr esse cretinho num reformatório, ele vai me pagar. Lina, não se desespera. Chame dona Berenice. É, meu bem, que que vai fazer? Tá tudo assim hoje em dia... Depois passa, também. O filho de um cliente amigo meu entrou numa fase de tóxicos, mas depois voltou. Só que eu acho que com jeitinho não resolve. Tem que encher essa menina de porrada, pra eles aprenderem. Tão pensando que a vida é viajar... e quem dá duro sou eu, aqui, né? Geraçozinha falida! *(Pausa. Vê-se que ele fala longamente)* Sei, sim, tá tudo bem, você vai à análise... isso... relaxa um pouco... ótimo. Dona Berenice toma conta dele. Mas não deixa o menino sozinho no bode dele, só por causa dessa sessão de análise, pô! Sim, desculpe. *(Pausa)* Desculpe, meu bem. Ando muito nervoso... *(Pausa)* Até a noite. Não, eu não posso ir pra casa. Estou esperando uma resposta do Herman da tecelagem. O cara tá me dando um cano de um bi! Tá bem... até. *(Desliga)* Meu filho bodeou de novo com esse maldito ácido lisérgico. Tá vendo cruzadas e cavaleiros errantes, inteiramente alucinado...

NILDO: Ele volta. Ele volta. *(Recomeça a chorar. Aproxima-se de Gomes que deixou-se cair pesadamente no sofá. O soluço torna-se convulso, como que tomado de um ataque epilético. Nildo agarra Gomes que o esbofeteia, para que ele se acalme. Gomes começa a gritar)*

GOMES: Pára com isto! *(Nildo sacode-o alucinado)*

NILDO: Dez anos da minha vida eu perdi por tua causa... você tem que me ajudar. *(Soluçando)* Você tem que me ajudar!

GOMES: Me solta! Pára com esta palhaçada! Me solta senão eu chamo a polícia!

NILDO: Eu fui teu escravo este tempo todo... você me pisou, me cagou em cima! *(Começam a se empurrar, caem no chão, brigam ferozmente, a luz baixa em resistência. Silêncio. Começa a 9ª Bachiana de Villa-Lobos. Em OFF um trecho de Drummond)*

“E então morreremos de medo  
E sobre nosso túmulo nascerão flores amarelas  
E medrosas...”

*(Após uma longa pausa, a luz se acende, entram Nandinho QI e Marisa, sorridentes e leves. Cabecinha trabalha incessantemente em sua prancheta. Nildo bate à máquina. Gomes tenta telefonar)*

GOMES: Então? Como é que foi?

NANDINHO: O cara vai pagar.

MARISA: Não é genial, patrãozinho?

GOMES: Vitória! *(Ri, sempre digno, abraça os dois, e com um braço no ombro de cada um dirige-se à geladeira)* Vamos comemorar.

NANDINHO: Vai pagar. Disse que pedia desculpas, que quando você falou com ele, ele tava num momento de mau humor...

MARISA: E até reconheceu que era a maior sacanagem do mundo!

GOMES: Meu bi! *(De mãos postas)* Meu bi querido, meu bilhãozinho!

NANDINHO: São e salvo!

GOMES: Vocês não sabem da maior!

MARISA: Pegou a General Motors? *(Todos, riem)* A Coca-Cola? Pegou a conta do Pentágono?!

GOMES: Não, não, peguei o chocolate Juju. Já quebra um bom galho. E o xarope São Tomás.

NANDINHO: Então, este ano a gente vai acabar faturando mais que o Ênio Mainardi!

GOMES: Que Ênio? Eu não tiro por baixo. Quero faturar mais que a própria Thompson!

NANDINHO: Também não precisa voar tão longe, né? Nada como a realidade, ali, certinha... Pelo menos a palavra falência não se ouve mais na tua boca.

GOMES: Pois é... com essas continhas... e se a tecelagem continuar...

MARISA: Vai continuar. E sem galho. Eu me viro com o Herman.

GOMES: *(Piscando pra Nandinho)* Não disse que essa mulher tinha um prestígio tremendo com o alemão?

MARISA: Caiu feito um pato no meu charme. Me convidou pra jantar na Baiúca.

CABECINHA: *(Nervoso)* E você vai?

MARISA: Vou, claro. Negócio é negócio. Mas não põe coisa na cabeça, meu bem. Eu vou só pra acertar as relações do cara com a agência.

CABECINHA: Virou contato, agora? Quer ser redatora, manequim e contato... daqui um pouco, você fica sócia do Gomes.

NILDO: Bem, gente, agora nós precisamos botar a cabeça em ordem e discutir a campanha do chocolate Juju.

CABECINHA: Eu não. Eu preciso pelo menos de uma semana de licença. Ando esgotadíssimo.

GOMES: *(Autoritário e frio)* Cabecinha, não esquece o nosso acordo, tá? Sem temperamentos, sem genialidades, sem “arroubos de loucura”.

CABECINHA: Não é porque tá pagando os teus vinte que vai me escravizar que nem todo mundo não, manjou?

GOMES: Se quiser ir embora, a porta está aberta.

NILDO: Não, Cabecinha, calma, Gomes, calma.

MARISA: Ih, esse cara agora virou apartador de briga. Que é? *(Agressiva)* Agora é padre, é santo, é? Deixa eles quebrarem o pau. A violência é saudável.

CABECINHA: E você aí, sua vendidinha, cala essa boca. A mim você não convence com esta pose toda. Calá essa boca.

GOMES: Por que essa agressividade contra ela? Fala de uma vez. *(Pensa)* Olha, pra falar a verdade, contato bom tá pra aparecer... *(Dando palmadinhas)* Só você mesmo, né? Isso, filha, vende teu peixe!

MARISA: Meu bem, não vamos começar outra vez. Você já sabe que quando a gente briga... *(Suave)* é tão chato, né?

CABECINHA: Depois a gente conversa.

GOMES: Bem meninos. Vamos conversar direitinho, então. A postos! *(Ele está feliz)* Cabeça, relaxa os nervos, menino de ouro! *(Afaga a cabeça dele)* *(Nildo olha, humilhado e enciumado)* Cabecinha de ouro... vamos lá. Larga esses lay-outs. Você trabu-

queirinha, prodígio, senta ali naquela poltrona e põe outra vez a moringuiha pra funcionar. Nandinho, bebe um uísque. Não, bebe sim, um não vai fazer mal, nem é pecado. Nildo larga essa máquina. Vamos conversar.

MARISA: *(Sentando)* A postos.

NANDINHO: *(Abrindo a geladeira, pegando o uísque e colocando gelo no copo)* A postos.

NILDO: *(Virando a máquina de ponta cabeça e empurrando-a para observar a cena, falsamente calmo e alegre)* A postos.

CABECINHA: Qual é a chantagem desta vez, vamos ver...

GOMES: Crianças, vamos fazer um folhetão. Cada um redige um currículo, e depois vocês entregam à Marisa pra dar a redação final... Cabeça, leva esse pessoal pra algum lugar bacaniha por aí, e fotografa eles. Sabe, num ângulo que simbolize cada um, no que tem de mais essencial...

MARISA: Chefe, eu prefiria ir tocando a campanha do chocolate Juju. O Nildo pode perfeitamente ir redigindo os currículos, não pode, Nildo?

NILDO: Puxa, com todo o prazer. Eu gostaria de pôr a vida de vocês todos num texto meu. Acho ótima a idéia. E posso, Gomes, se você quiser, fazer um esboço, uma síntese do pensamento da agência...

GOMES: Então faz. Ótimo. Mas depois dá pra Marisa dar uma olhadinha. Ela sempre prefere ver os textos antes da gente mandar pra gráfica...

NILDO: *(Olhando para ela, piscando um olho)* Claro, chefinha, Mary Wells. Não disse que você tinha futuro? Um futuro lindo, desse tamanho... *(Humilde)*

MARISA: Disse, Nildo. Você acertou. Eu tenho um futuro lindo. Não é Cabecinha? Ainda mais agora que a gente vai se casar.

NANDINHO: Tudo teve jeito, viu? Você vai casar. Foi aumentada. Tá com um prestígio que nem tem tamanho aqui dentro... A fé resolve tudo, menina.

NILDO: Eu dizia pra ela: "Não desanima, Trabuqueira, com o teu talento eu faria um mundo"...

MARISA: Ei, vocês nem sabem ainda se eu...

GOMES: Não seja modesta, filha. Só essa vitória que você conseguiu hoje... nem que você não fizesse mais um só anúncio criativo, podia ser contato da Tecelagem Universo. Emprego é que não te falta.

CABECINHA: Ela também podia montar um bordel, com o Nandinho de caixa e você, Gomes, de gigolô.

NILDO: Menino, você esquece que esse cara é o teu patrão, hein? O cara que paga o teu salário!

GOMES: Aliás, Cabecinha, a Fotótica ligou outra vez, eu endosseï a compra desta geringonça e vocês dois aí façam o favor de entrar num acordo e pagar os caras. Não sou pai de vocês.

CABECINHA: Eu pago tudo. Mas o equipamento fica pra mim. Inclusive o que você já pagou. Tá legal, Nildo?

NILDO: Tá legal. Eu ando sem tempo de fotografar, mesmo... além de que, tô de dívida até o pescoço, e a gente nunca sabe o dia de amanhã...

GOMES: Sossega. Se a indireta foi pra mim, você não vai ficar desempregado, não.

NILDO: Sério? *(Aliviado)*

GOMES: Sério.

NANDINHO: Gente, mas que clima bom tá ficando isto aqui! Puxa, parece até que a gente espantou os maus espíritos... sai, Satanás, sai...

NILDO: Bem, pessoal, eu vou começar o folhetão. Marisa me conta a sua vida.

*(Todos riem, menos Cabecinha)*

MARISA: Claro que não. A minha vida não é uma campanha... por que quer que eu te conte?

NILDO: Não precisa. Eu sei de cor. *(Animadíssimo)* Vai ser um senhor folheto. Abertura: "Quem somos". Vira a página "Por que trabalhamos 8 a 12 horas por dia". A outra página: "O dono é um homem lúcido". "Cabecinha de ouro". A outra. "O maior talento dos últimos anos, ela". *(Aponta Marisa)*

GOMES: Trabalha e não conta; depois a gente vê.

NANDINHO: Bem, eu vou até o cara da Ford.

GOMES: Espera, calma. Precisamos comemorar o meu bi...

MARISA: E tem a campanha do chocolate, Nandinho. Fica pro *brainstorm*.

CABECINHA: Eu não vou fazer campanha de chocolate nenhum!

MARISA: Não grita! Aqui ninguém é teu empregado!

GOMES: Mais um ataque de gênio e tá no olho da rua!

CABECINHA: *(Furioso, resmungando)* Pois então estou! Estou no olho da rua! Não quero os vinte paus!

GOMES: Na Alcântara nem adianta ir. O Alex...

CABECINHA: Já soube que você me sujou a barra com ele. Eu não vou pra Alcântara. Eu não vou pra agência nenhuma. Eu tô cansado e quero tirar uma licença.

MARISA: Mas nós não te demos licença nenhuma.

CABECINHA: *(Rindo)* Nós quem?

MARISA: Eu, que sou tua noiva e tua redatora. E o Gomes que é o teu patrão!

CABECINHA: Quero que vocês se danem. E isto aqui, olha (*Tira a aliança*) Esta palhaçada, vai contar ao Herman, sua putinha. (*Atira a aliança no chão*) Uma vez vagabunda... forever. Eu tô mais é viciado em você. Mas eu desvio, deixa comigo. Já estive em outras, piores que esta. E saf. Você não tem conserto, menina. Você tá podre. Que nem no meu sonho, na minha viagem.

MARISA: Cabecinha, pára, tá? Vamos trabalhar em paz, vamos? Chega de discussão...

CABECINHA: Não, é definitivo. Gomes, avisa o cara do departamento de pessoal, que EU QUERO MINHA PAPELADA, JÁ. Me demite. Quero tirar o fundo de garantia.

GOMES: Eu não quero te demitir.

CABECINHA: VAI ME DEMITIR NA MARRA.

GOMES: Não aceito decisões emocionais.

CABECINHA: (*Enlouquecido*) Decisão emocional é isto aqui, ó... (*Tira todos os cartões de crédito da gaveta e corta-os com a tesoura*) Credicard, Citycard, Carte Blanche, todos... ó... eu não me endivido mais nesta vida. E olha aqui: (*Tira um cheque do bolso*) (*E assina*) Em branco. Pra você pagar a Fotóptica e enfiar o resto no... onde quiser... (*Para Nildo*) Isto aqui, olha... (*Desentulha pilhas de lay-outs*) (*Nandinho tenta segurá-lo. Gomes também. Mas ele está enfurecido*) Isto aqui, Nildo, manda os teus filhos colarem que nem quebra-cabeças. São anos e anos em cima desta prancha criando merda para um monte de merdas! (*Rasga os lay-outs*) Todos, olha...

GOMES: Segurem esse cara. Nildo, chama a polícia, chama o pronto socorro da Granja Julieta, dá um jeito...

CABECINHA: (*Para Marisa, tocando-lhe o rosto suavemente e cheio de ironia*) E você menina, quando estabelecer um precinho mais barato me avisa. O michê tá muito caro, viu?

MARISA: (*Agarrando-o pelas costas*) Cabeça, calma, eu entendo o teu nervosismo, você tava louco pra tirar essa licença... Gomes, dá a licença pra ele, assim resolve tudo.

GOMES: Tá dada. Uma semana de férias em Parati. Pronto. Pode levar o meu carro e usar a minha casa e a minha lancha. Mas agora pára de enlouquecer, que eu acho você um gênio, mas assim também é demais!

CABECINHA: Vocês não entenderam. Eu vou embora. Vou embora pra sempre. Eu nunca mais piso aqui, entendem? Nunca mais. Eu não vou trabalhar mais nesta profissão. (*Ele vai saindo. Pega o equipamento fotográfico*) (*Todos olham atônitos para ele. Marisa corre e segura-o na porta*).

MARISA: Cabeça, onde você vai, me espera que eu...

CABECINHA: Você fica aí, no teu lugar, chefe.

MARISA: Onde você tá indo, Cabecinha?

CABECINHA: Sei lá... Vou andar por aí... tirar umas fotografias...

MARISA: (*Choramando*) Você vai pra Londres?

CABECINHA: Ou pra Parati. Depende. Agora quem decide, sou eu, só eu, só eu... (*Sai cantando "Isto é que é Coca-Cola"*) (*Aos berros ostensivamente*) (*Ouve-se a última frase de Cabecinha já longe*) Fiquem aí, cadáveres queridos do meu coração. Apodreçam em paz, na Santa Paz de Deus. Estou rezando pela alma de vocês todos. Tchau noivinha. Foi um prazer tê-la em meus braços!

MARISA: (*Na janela*) Cabecinha, volta aqui, pára de ser criança! (*Voltando-se para eles*) Gente, ele tá indo embora, mesmo...

GOMES: (*Sorrindo friamente*) Bobagem. Todo mês ele tem, uma recaída. Depois ele volta.

MARISA: Será que ele volta, Nildo? Nandinho? Ele volta, hein? (*Ela começa a chorar como criança*)

GOMES: (*Passando a mão na cabeça dela*) Menina boba, ele sempre volta.

NILDO: Gente, eu precisava de um certo sossego pra trabalhar no folheto, e...

GOMES: Larga o folheto. Vamos inverter a ordem das coisas. Aproveitamos que o Cabecinha não tá pra tumultuar e fazemos *brainstorm* da campanha do chocolate. Que tal?

NANDINHO: Ótimo. Todos juntos. Patrão, contato, todo mundo...

GOMES: Isto. Vamos começar. Ei, Marisa, pára de chorar. Você agora é chefe... (*Ela pára a custo, enxuga as lágrimas. Sentam-se todos no chão*)

NILDO: Claro, chocolate é coisa pra crianças...

GOMES: Olha uma aí... (*Aponta Marisa*)

MARISA: Vamos cantar... as músicas da infância... (*Rindo ainda com lágrimas*) Da infância de todos nós... Vamos voltar pra lá, gente...!

TODOS: (*Menos Marisa*) "Senhora dona Sanja, coberta de ouro e prata, descubra seu rosto que eu quero ver a prata. Sou filha de conde, neta de visconde..."

MARISA: Será que ele volta? (*Para Nildo*)

NILDO: Volta. Nem que seja para pegar a papelada do fundo de garantia, ele tem que voltar.